



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED

CURSO DE PEDAGOGIA

AMANDA CARRARO

**A FIGURA DOS GRIOTS NOS LIVROS DE ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA: PARA
PENSAR PRÁTICAS PEDAGÓGICA ANTIRRACISTAS**

Florianópolis – SC
2019

AMANDA CARRARO

A FIGURA DOS GRIOTS NOS LIVROS DE ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA: PARA
PENSAR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC) para obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Eliane Santana Dias
Debus

Florianópolis – SC
2019

AMANDA CARRARO

A FIGURA DOS GRIOT NOS LIVRO DE ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA: PARA
PENSAR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 14 de dezembro de 2019.

Profa. Dra. Jocemara Triches
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Eliane Santana Dias Debus
Orientadora (MEN/CED/UFSC)

Prof.^a Me. Tatiana Valentin Mina Bernardes
(Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis - SC)

Prof. Me. Zâmbia Osório dos Santos
(Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis - SC)

Prof.^a Dr.^a Lilane Maria de Moura Chagas
(MEN/CED/UFSC)

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Carraro, Amanda Carraro

A figura dos griots nos livros de Rogério Andrade
Barbosa: : para pensar práticas pedagógicas antirracistas
/ Amanda Carraro Carraro ; orientador, Eliane Santana
Dias Debus, 2019.

61 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Literatura. 3. Griot. 4. Rogério
Andrade Barbosa . 5. Práticas pedagógicas antirracistas. .
I. Santana Dias Debus, Eliane . II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

“Hoje eu caibo nesse mesmo corpo que já coube na minha mãe. Minha mãe, minha avó e antes delas minha tataravó e antes delas um milhão de gerações distantes, dentro de mim.” Cabimento - Arnaldo Antunes. Com essa canção dedico este trabalho a minha avó Maria do Carmo Ferreira, a minha mãe Marly Aparecida Ferreira, a minha filha Cecília Bordin Carraro e a todas as milhões de gerações distantes dentro de mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos professores que passaram por minha formação, em especial a Professora Ester que me alfabetizou. Em minha trajetória no curso de Pedagogia, agradeço a todos os professores que certamente deixaram profundas marcas no modo como sinto e vejo a infância.

Agradeço especialmente a Professora Dr^a. Eliane Debus que ampliou minhas referências e encantamentos com a literatura na disciplina de Literatura e Infância e no decorrer da orientação desta pesquisa, sua atenção, compreensão e comprometimento foram essenciais para que eu me sentisse capaz de concluir essa fase tão importante de minha trajetória acadêmica.

Destaco meu reconhecimento à todas aquelas imprescindíveis pessoas que lutaram ao meu lado e continuam lutando por uma educação pública de qualidade e por uma sociedade que supere as desigualdades capitalistas. No movimento estudantil e em sala de aula tive o privilégio de conhecer pessoas que muito me ensinaram.

Obrigada a toda equipe da Escola Sarapiquá que fazem dessa escola um lugar especial que gera em mim tanta admiração e amor. Em especial a minha companheira de sala Rafaela Bernardo que dividiu a docência comigo em uma relação de muito aprendizado, respeito e cuidado. Com afeto agradeço as crianças da nossa turma do infantil 2 e 3 que tornaram a Cecília uma das crianças amadas da turma. Juntas as pessoas dessa escola acolheram minha necessidade de me ausentar antecipadamente do trabalho para me dedicar ao desenvolvimento desse trabalho e aos preparativos da chegada de minha filha.

Por fim agradeço ao meu companheiro João Gabriel Vieira Bordin pelo seu esforço cotidiano em cuidar da nossa família desde quando ela surgiu em 2015 quando vim morar em Florianópolis e comecei o curso de Pedagogia. João sempre acreditou no meu trabalho e em minhas potencialidades como professora e estudante.

Agradeço a todos que acreditaram em mim e me incentivaram a realizar esse trabalho. Obrigada!

RESUMO

Este trabalho localiza-se no campo de estudo sobre Literatura Infantil e relações étnico-raciais. Tem como objetivo identificar, analisar e valorizar a figura do griot – que é o tradicional contador de histórias em diferentes povos do continente africano – nos quatro livros da Coleção Bichos da África, de Rogério Andrade Barbosa, buscando refletir sobre a possibilidade e a necessidade da realização de práticas pedagógicas antirracistas a partir da literatura em questão. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica sobre a Lei nº 10.639 de 2003 que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e sobre o mito da democracia racial. Lançamos esforços para caracterizar e compreender aspectos da literatura, da literatura afro-brasileira e da literatura para a infância que tematiza as relações étnico-raciais. A partir da pesquisa bibliográfica, desenvolvemos reflexões acerca da figura do griot tradicional em terras africanas e buscamos pelos vestígios da atuação das tradições orais africanas na constituição da cultura popular brasileira. Com a metodologia da análise documental, produzimos análises dos livros de Barbosa e a partir disso, discorremos sobre a potencialidade e necessidade das práticas pedagógicas antirracistas. Finalizamos discorrendo sobre as possibilidades que encontramos no texto literário, de realizar um trabalho pedagógico comprometido com a denúncia e desconstrução do racismo tão enraizado na sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Literatura, Griot, Rogério Andrade Barbosa e práticas pedagógicas antirracistas.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Livro Bichos da África: lendas e fábulas	38
FIGURA 2 Livro Bichos da África 2: lendas e fábulas	42
FIGURA 3 Livro Bichos da África 3: lendas e fábulas	46
FIGURA 4 Ilustração do livro Bichos da África 3: lendas e fábulas	47
FIGURA 5 Livro Bichos da África 4: lendas e fábulas	49

LISTA DE ABREVIATURAS

FNLIJ.....	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN.....	Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional
ONU.....	Organização das Nações Unidas
UFF.....	Universidade Federal Fluminense
UFRJ.....	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO.....	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP.....	Universidade de São Paulo

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. A LEI 10.639/2003: RESISTÊNCIA CONTRA O RACISMO	16
1.1 O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL: O RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA.	19
2. LITERATURA, LITERATURA INFANTIL E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA. ...	22
2.1 GRIOTS: OS ARTESÃOS DA PALAVRA.....	25
2.2 TRADIÇÃO ORAL GRIOT NO BRASIL: CULTURA POPULAR E RESISTÊNCIA.	32
3. ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA: UM GRIOT EM TERRAS BRASILEIRAS.	36
3.1 ANÁLISE DOS LIVROS DA COLEÇÃO BICHOS DA ÁFRICA, DE ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA.....	38
3.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS: POR UMA ESCOLA PLURAL. .	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS: A POTENCIALIDADE DOS LIVROS DE BARBOSA PARA REALIZAÇÃO DE PRÁTICAS PEDGÓGICAS ANTIRRACISTAS.....	56
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO¹

Ao considerar o compromisso da educação em preservar o conhecimento humano constituído e acumulado ao longo da história, podemos pensar que ao promover e ampliar o olhar para relações sociais baseadas no respeito e na igualdade ao passo em que denunciemos e combatemos o mito da democracia racial brasileira, estamos zelando por tal compromisso. Por isso, é que defendemos como imprescindível visibilizar a tradição oral dos povos africanos, a quem se deve a constituição de grande parte da sociedade brasileira. Durante a ditadura militar (1964-1985) a ideia de que o Brasil, por consequência da constituição miscigenada de seu povo, vivia em uma democracia racial, tornou-se quase um dogma do Estado brasileiro. Esse imaginário de miscigenação pacífica e amigável está presente no modo como grande parte da sociedade percebe a história do país. Segundo essa compreensão, aqui não há espaço e nem se vive o preconceito racial. No entanto, mais fortemente nos anos de 1990, o Movimento Negro Brasileiro começou a denunciar o racismo e o ideário de democracia racial. Compreendo como importante localizar-se a partir de reflexões que questionem o mito da democracia racial denunciando a literatura e discursos que pretendam contribuir com esse mito velando ainda mais o racismo na história e sociedade brasileira.

Acreditamos na força da contação de histórias em sala de aula durante toda a trajetória escolar que tem sido reafirmada por muitos autores e pesquisas que se atentam para essa experiência docente. Ao apostar na oralidade e na escuta para encantar ouvintes e a partir do convite feito pelos contadores de história, - que atribuem expressividade e movimento as histórias contadas – os alunos podem se encontrar com a possibilidade de se deixar envolver com maior intensidade com o universo da leitura literária. É diante desse reconhecimento acerca das contações de história, que a figura dos contadores de história dos povos africanos pode e deve receber atenção dos professores em seu contínuo exercício de pesquisas e estudos inerentes a profissão.

Nesta pesquisa escolhemos a representação do Contador de Histórias nas narrativas de Rogério Andrade Barbosa, em particular na Coleção Bichos da África, composta de quatro títulos publicados em 1987, pela chancela da editora Melhoramentos. Nesta coleção o escritor reconta as narrativas africanas por meio da personagem Vovô Ussumane, um ancião de uma

¹ Parte da justificativa que compõe este trabalho parte de interesse pessoal e por isso alguns trechos da introdução estão escritos na primeira pessoa do singular. A partir dessa sessão escreveremos na primeira pessoa do plural, considerando que esta pesquisa é resultado de um trabalho em conjunto desenvolvido entre pesquisadora e orientadora.

aldeia que segundo informações disponíveis na apresentação dos livros, escrita por Glória Pondé, em sua juventude percorreu terras distantes divulgando seu saber e que com a velhice e a fama passou cotar histórias para as crianças da aldeia. Essa personagem representa a figura tradicional dos griots que mantém viva a oralidade das culturas africanas. Segundo Silva (2012), a preocupação de Barbosa em demarcar os grupos étnicos localizando-os também geograficamente, só aparece em seus livros após a Coleção Bichos da África, mas é possível nesses primeiros títulos já perceber o compromisso do escritor com o espaço/tempo do continente africano.

Por meio dos recontos africanos produzidos por Rogério Andrade Barbosa, nesta coleção, é que entendemos como possível pensar práticas literárias antirracistas que se utilizem da literatura e da contação de histórias para contribuir na oferta e ampliação de referenciais afirmativos dos povos africanos e da identidade negra.

Creemos que pesquisar sobre a figura dos griots nos livros de Rogério Andrade Barbosa e a importância dessas narrativas para as práticas antirracistas em sala de aula é também um movimento de se voltar para o continente africano. Considerando toda sua diversidade e pluralidade cultural, bem como, o seu vasto território geográfico formado a partir de diferentes formações e biomas. Assim é possível desenvolver um trabalho coerente com o compromisso assumido pela educação brasileira com a aprovação da Lei nº 10639/2003 que cria a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira. Aprovada como resultado de lutas e resistências travadas pelo Movimento Negro que desde os tempos do Brasil colônia firma suas resistências em quilombos e em organizações que denunciam o racismo tão fortemente arraigado no país. No entanto, ainda há muita luta para desmitificar o mito da democracia racial brasileira e celebrar de fato a diversidade nas escolas de todo o país.

Eu, Amanda Carraro, neta de um avô branco de descendência italiana e de uma avó negra que, assim como milhares de outros negros do Brasil e do mundo, perdeu as referências de sua origem quando seus antepassados tiveram seus documentos, registros, sonhos e sentimentos lançados ao mar através dos navios negreiros. Eu uma docente em formação me deparo com o desafio de reconhecer meu privilégio de pessoa branca que cresceu ouvindo o quanto era privilegiada por não ter herdado nenhum traço de sua avó. Encontrar esse universo na elaboração da monografia para conclusão do curso de Pedagogia foi um presente e um desafio repleto de emoção, anseios, desejos e dúvidas. Como eu, pessoa branca, com os meus privilégios e reconhecendo-os, posso promover debates e reflexões sobre as relações étnico-raciais na academia e em sala de aula sem reproduzir preconceitos e estereótipos culturalmente

construídos? Desde quando comecei a cursar o ensino médio na modalidade normal – formação de docentes, antigo magistério – e trabalhar na educação infantil, tenho vivenciado situações que provocaram inquietações e vontade de aprender mais sobre as relações étnico-raciais e a literatura.

Compreendo a literatura infantil com a temática afro-brasileira, como sendo um valioso caminho para a educação das relações étnico-raciais, em especial quando esta reafirma e registra as práticas dos griots evidenciando a tradição oral dos povos africanos. Ao trabalhar em sala de aula com tais literaturas oferecemos aos alunos a ampliação de referências e repertório cultural e social que contribuirão na educação antirracista e também na construção da identidade negra dos alunos que, vítimas da sociedade racista e de pensamentos embranquecedores, acabam por não considerar sua negritude buscando se aproximar o máximo possível de uma auto declaração branca.

Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo identificar, analisar e valorizar a figura do griot – que é o tradicional contador de histórias em diferentes povos do continente africano – nos quatro títulos da Coleção Bichos da África, de Rogério Andrade Barbosa, buscando refletir sobre a possibilidade e a necessidade da realização de práticas pedagógicas antirracistas a partir da literatura em questão. Para cumprir o objetivo maior pretendemos 1) Realizar revisão bibliográfica acerca dos seguintes temas: Lei nº 10369/03, mito da democracia racial, literatura afro-brasileira; 2) realizar revisão bibliográfica já publicada sobre a tradição oral africana dos griots; 3) analisar os quatro livros da coleção “Bichos da África” identificando as narrativas dos sábios griots; 4) pensar na potencialidade desses livros para o desenvolvimento de práticas pedagógicas antirracistas. É importante explicar que as reflexões sobre práticas pedagógicas antirracistas, se apresentam nesse trabalho a partir somente da leitura dos livros.

Ao ter a intenção de ser consequente com o compromisso de trabalhar com a história e cultura afro-brasileira em sala de aula podemos nos deparar com muitas dúvidas e receios que repercutem em nós, fruto de relações sociais desiguais e preconceituosas que vivenciamos durante nossas vidas. Essas relações são o resultado de processos históricos que mesmo após a abolição da escravização continuou relegando ao povo negro e as temáticas africanas o lugar da subalternidade. É necessário, contudo, reconhecer nossa responsabilidade individual como professores e seres humanos, de lançar esforços na direção do questionamento e desconstrução do racismo presente na sociedade. Esta pesquisa tem a intenção de mover esforços nesse sentido por meio do estudo e enaltecimento das tradições orais africanas, bem como debruçar-se sobre produções do autor Rogério Andrade Barbosa para responder aos seguintes problemas: Quem

são os griots e como essa figura aparece na literatura em questão? Como utilizar-se dessa literatura infantil na realização de práticas pedagógicas antirracistas?

Partimos da Hipótese de que os griots presentes nos livros de Rogério Andrade Barbosa contribuem para enaltecer a cultura, história e tradição africana e afro-brasileira; as literaturas afro-brasileiras pra a infância e juventude podem ajudar a ampliar o olhar sobre a identidade negra contribuindo na construção da identidade e autoafirmação dos alunos negros ao passo em que desconstrói o racismo nos alunos brancos e no próprio professor.

Para a realização desta pesquisa foi necessário primeiramente utilizar-se da metodologia de pesquisa bibliográfica onde aprofundamos o levantamento e as leituras das produções sobre as tradições orais africanas, mais especificamente sobre os griots. Outros elementos importantes estudados dizem respeito a importância da literatura infantil de temática afro-brasileira e a definição do conceito de práticas pedagógicas antirracistas. A pesquisa bibliográfica tem sua importância, pois como pontua Gil:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados, muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território, brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda per capita; toda via, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não teria maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. (GIL, 2002 p. 45)

O referencial teórico lido e aprofundado foram muitos, mas destacamos aquelas produzidas sobre os Griot: (SILVA, 2012; PINHEIRO, 2013; MACHADO, 2014); Literatura e as relações étnico-raciais (DEBUS, 2017; DEBUS; BERNARDES; SILVEIRA; PEREIRA, 2018; OLIVEIRA, 2010; DUARTE, 2011). Aporte teórico sobre as relações étnico raciais (PAULA, 2013); Documentos de referência (BRASIL, 2004; Brasil, 2006), entre outras.

Após a pesquisa bibliográfica foi necessário utilizar-se da metodologia de análise documental ao recorrer às produções literárias de Rogério Andrade Barbosa em que se fez a leitura sistematizada dos livros escolhidos dialogando com a literatura levantada na pesquisa bibliográfica.

Os títulos analisados foram os quatro livros da coleção “Bichos da África”, que constituem o início da extensa produção de Rogério Andrade Barbosa. Nessa coleção estão presentes recontos africanos que ele recolheu durante suas viagens pelo continente africano. Por ser um autor comprometido com seu trabalho no sentido de atribuir todo cuidado e respeito necessários aos povos africanos, ao registrar suas histórias, acreditamos ser essa coleção uma

boa referência para nosso encontro com a figura tradicional dos contadores de história africanos. Silva (2012), ao referenciar a produção de Barbosa, afirma que:

Outra preocupação aparente do autor é contar para preservar. Ele, diversas vezes, já afirmou que a gradual ocupação do espaço tradicional de muitos povos africanos ameaça seus destinos e, por conseguinte, seu patrimônio cultural. Então, ele assume a condição de porta-voz desse patrimônio. E é como porta-voz desse legado que podemos identificar, nas obras do autor, alguns pontos que nos parecem importantes observarmos, em sua produção; elementos africanos, que concorrem para a feitura que seus textos assumem, tais como: dados históricos, dados políticos, dados geográficos, elementos da religiosidade, valores, crenças e costumes, elementos artísticos, [...] as formas de expressão da oralidade, as formas de expressão poéticas, as intertextualidades, os usos sociais da literatura, os contrastes e comparações, os elos entre África e Brasil, e as heranças étnico-culturais. (SILVA, 2012, p. 204).

Feita essas considerações, destacamos que o trabalho está assim dividido, no primeiro capítulo apresentamos reflexões sobre a Lei nº 10.639/03 e as resistências necessárias ao seu surgimento e efetivação, abordamos também revisões teóricas e históricas sobre o mito da democracia racial. No segundo capítulo nos referimos a literatura, literatura infantil e literatura afro-brasileira, em diálogo com autores que se esforçaram para definir e compreender esses conceitos, apresentamos também um estudo sobre os griots em terras africanas e em terras brasileiras. No terceiro capítulo explanamos sobre o autor Rogério Andrade Barbosa como sendo um griot em terras brasileiras, considerando seu trabalho de escrever recontos e trazer o universo das culturas africanas para o leitor brasileiro, e desenvolvemos uma análise dos quatro livros da Coleção Bichos da África lançados em 1987, identificando a figura do griot no texto literário. Após a análise explanamos sobre as práticas pedagógicas antirracistas. Por fim nas considerações finais pontuamos a necessidade da efetivação de uma escola plural onde a literatura possa abrir caminho para a construções de relações que questionem o racismo e as desigualdades.

1. A LEI 10.639/2003: RESISTÊNCIA CONTRA O RACISMO

A necessidade de vivenciar na escola práticas escolares antirracistas foi legalmente oficializada em âmbito federal com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. A aprovação da Lei nº 10.639/03, sancionada no dia 9 de janeiro de 2003 pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, fez com que a Lei nº 9.394/96 passasse a vigorar com os seguintes artigos:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura AfroBrasileira.

§ 1ª - O Conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2ª - Os Conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

A aprovação da Lei nº 10.639/03 foi resultado de um longo processo histórico de lutas sociais travadas pelo Movimento Negro no Brasil e a população negra que desde o período colonial escravista lutou por justiça e liberdade. Como caracteriza Santos (2005), após a abolição da escravatura, o acesso à educação passou a ser uma das mais importantes pautas para o Movimento Negro que:

[...] sem o conjunto de relacionamentos sociais influentes que uma família ou um indivíduo tem para a sua manutenção e reprodução, logo os ex-escravos perceberam que a luta pela liberdade fôra apenas o primeiro passo para a obtenção da igualdade ou, se quiser, para a igualdade racial, pois o racismo não só permanecia como inércia ideológica, como também orientava fortemente a sociedade brasileira no pós-abolição. Tornou-se necessário lutar pela “segunda abolição” [...] (SANTOS, 2005, p. 21)

Denunciando a reprodução da discriminação racial encontrada na escola é que a luta continuou pelo país ao longo dos anos conquistando, primeiramente, Leis Orgânicas Municipais que regiam sobre proibição da compra de livros didáticos que disseminassem qualquer forma de discriminação. Redes estaduais e municipais de ensino como a da Bahia aprovaram leis que incluíam em seus currículos a disciplina de “História dos Negros no Brasil e a História do Continente Africano”, tudo isso em 1989.

É indispensável afirmar a importância da Lei nº 10639/03 para o combate ao racismo nas escolas e na sociedade, pois, ela se torna ou pelo menos deveria se tornar, um elemento motivador de reflexões e ações pedagógicas antirracistas. No entanto, um problema a ser

pontuado diz respeito às limitações dessa lei que não se preocupa com a implementação adequada do ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira (SANTOS, 2005).

A responsabilidade pela efetivação da lei acaba ficando a critério e vontade de cada professor e escola. Uma questão que precisamos também destacar é que foram publicadas pelo Ministério da Educação em 2004 as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e em 2006 as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, que se apresentam como documentos que podem e devem ser utilizados como referência teórica para o desenvolvimento de trabalhos comprometidos com a Lei nº 10.369/03 e por consequência com a construção de relações que questionem o preconceito.

Na conjuntura política que vivemos, a defesa Lei nº 10.369/03 e sua implementação, se torna cada dia mais urgente. Em um cenário em que o Presidente da República foi eleito em 2018 mesmo tendo feito declarações racistas e preconceituosas contra todas as minorias, demonstrando estar disposto a tomar decisões pautadas em sua ideologia conservadora, todos os direitos duramente já conquistados, estão em risco e sob ataque. Nesse sentido é que precisamos nos fortalecer com teorias, práticas e lutas pedagógicas antirracistas em defesa da democracia e da educação pública.

Sobre a Lei 10. 639 a autora Denise Maria Soares Lima (2012) traz que:

No Brasil, há uma constatação de que preconceito, discriminação e racismo estão presentes no espaço escolar, demonstrada pela representação da população negra os livros didáticos – omissa, diminuída ou negativa – pela ausência da História dos negros nos currículos, entre outras formas já assinaladas nas mais recentes pesquisas (BENTO, 2006; CAVALLEIRO, 2001). Diante desse quadro de desigualdades raciais, em 2003, o governo federal publicou a Lei Federal n. 10.639/2003 afim de incentivar a diversidade cultural e racial. A referida Lei determina a inclusão e obrigatoriedade, no currículo dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, da temática História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, representando uma vitória em prol de uma educação antirracista, liderada, principalmente, pelos movimentos sociais negros. (LIMA, 2012 p. 259)

A autora Lucimar Rosa Dias em seu texto “Formação de Professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo” (2012), apresenta o resultado de uma pesquisa que realizou com professoras da educação infantil que responderam sobre sua formação continuada a respeito das relações étnico-raciais e a abordagem desse tema com as crianças. Após a realização das entrevistas com as professoras, a autora elenca alguns princípios que teriam orientado as professoras e um deles foi a “coragem”:

Trabalhar com a diversidade étnico-racial, especialmente na educação infantil, exige, sim, que o professor assuma um compromisso ético e político. Apesar de haver nas

propostas oficiais recomendações para que as instituições ofereçam esse tipo de conhecimento, sabemos que incluí-lo nas práticas pedagógicas é romper com a lógica da reprodução do racismo institucional, o que nos mostra que a professora, ao trazer a “coragem” como um princípio importante, sentiu-se desafiada e questionada na produção de sua prática. (DIAS, 2012, p. 665)

O racismo e a desigualdade sendo parte de nossa sociedade, também são identificados, incorporados e reproduzidos pelas crianças que sem nunca ter presenciado uma cena de racismo sequer, conseguem entender que há classificações e determinações racistas em seu entorno. Uma criança negra ao consumir todas as produções culturais para a infância e para o mundo dos adultos percebe que sua cor, ainda que maioria num país declaradamente negro, não está posta na maioria dos espaços como uma cor de prestígio e admiração. Sobre isso a pesquisa de Dias (2012) também explora ao trazer que:

Os saberes da criança sobre o sentido de ser negro ou branco na sociedade brasileira têm origem na família, na educação informal, no ambiente de vida, na experiência com os pares, nas músicas que ouve, nas revistas e propagandas que vê, nas piadas que escuta, nos gestos que identifica, enfim na sua convivência social em diferentes âmbitos e por diferentes meios de linguagem. Assim, a aprendizagem sobre ser negro e ser branco ocorre de diferentes formas para cada criança e começa bem antes da entrada da criança na escola. (DIAS, 2012, p. 669)

A formação, preparo e entendimento dos professores para trabalhar as relações étnico raciais em sala, bem como a necessidade de oferecer às crianças a possibilidade de conhecer referenciais que exaltem a beleza e importância da cultura afro-brasileira, são elementos que também justificam a elaboração dessa pesquisa. A pesquisa publicada por Dias (2012) em relação a formação de professores conclui que:

[...] Mesmo com tom otimista, a pesquisa nos alerta que o tratamento das relações étnico-raciais na educação, especialmente na infantil, enfrenta inúmeros obstáculos, permeados pela concepção ainda presente na sociedade brasileira do “mito da democracia racial”. Essa ideia gera uma descrença na existência do preconceito e do racismo na sociedade brasileira, e em consequência disso muitos professores questionam a pertinência dessa discussão na educação. [...] (DIAS, 2012 p. 672)

Sobre esses cuidados as autoras Lima e Souza (2014) apontam que:

Ao iniciar os estudos sobre a história da África, estar-se-á lidando com uma matéria-prima fascinante e delicada: os diversos matizes da formação cultural brasileira, a memória dos ancestrais africanos e suas heranças, invisíveis durante tanto tempo. Todo o cuidado será pouco para não resvalar nas trilhas aparentemente fáceis do maniqueísmo, da simplificação e da folclorização. Por isso, reflete-se sobre a prevenção desses perigosos males, que podem enfraquecer a percepção e provocar o distanciamento dos objetivos propostos. Alguns desses cuidados podem parecer óbvios, mas, muitas vezes, o aparentemente óbvio merece ser revisto e revisitado, para que se reflita sobre ele. (LIMA e SOUZA, 2014, p. 12)

Nesse sentido é que a importância da temática das relações étnico-raciais e o ensino da História e Cultura Afro-brasileira devem estar presentes nos currículos dos cursos de Pedagogia. Preparar-se com aportes teóricos e sinceras reflexões sobre os processos e vivências

peçoais que nos constituíram como parte de uma sociedade repleta de racismo, deve ser parte do que nos constitui enquanto docentes.

1.1 O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL: O RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA.

Para reconhecer o racismo na sociedade brasileira é necessário travar um enfrentamento ao mito da democracia racial. Ao assumir que é falacioso o imaginário social de convivência igualitária e miscigenação pacífica entre brancos e negros na constituição da história de nosso país, assumimos também o compromisso de lançar esforços no sentido de identificar e denunciar o racismo em nossa sociedade. No campo da sociologia e da antropologia há um histórico debate, ainda sem consenso, sobre o mito da democracia racial e suas influências na construção da identidade nacional. Nesse trabalho, para localizar a palavra mito, recorreremos as considerações feitas pela autora Gomes (2005), que move o conceito da ideologia para caracteriza-lo, portanto, esse mito é compreendido como um conjunto de falsas ideias acerca de realidade.

O professor da Universidade de São Paulo (USP) e antropólogo Kabengele Munanga é um dos pesquisadores responsáveis por desmitificar a democracia racial no Brasil e ao pensar sobre os elementos que ajudam a compor o mito da democracia racial, Munanga argumenta que no decorrer de nossas vidas escolares, ao conhecer histórias de racismos em outros países, como o nazismo na Alemanha ou os regimes de apartheid na África do Sul, nós brasileiros ao olhar para nossa história, acabamos por considerá-la menos racista ou até mesmo nada racista:

[...] ecoa dentro de muitos brasileiros, uma voz muito forte que grita; “não somos racistas, os racistas são os outros, americanos e sul-africanos brancos”. Essa voz forte e poderosa é o que costumamos chamar “mito de democracia racial brasileira”, que funciona como uma crença, uma verdadeira realidade, uma ordem. Assim fica muito difícil arrancar do brasileiro a confissão de que ele é racista. Creio que todos também já ouviram falar do racismo emergente, tão bem noticiado pelas mídias escritas e eletrônicas, notadamente a respeito da discriminação racial contra os imigrantes africanos e árabes nos países europeus, em particular os argelinos na França, os turcos na Alemanha, os marroquinos na Bélgica, os indianos na Inglaterra e os africanos em toda Europa, etc. mesmos os latino-americanos de todas as cores não são tão bem-vindos na Europa. Até as manifestações esportivas mais populares nos campos de futebol não ficaram isentas de preconceitos dos próprios jogadores e do público torcedor, que xingam outros de macacos, porque são negros. Essas manifestações não acontecem apenas nos campos de futebol europeus, mas também aqui na terra brasileira, dita sem preconceito racial. [...] (MUNANGA, 2010, p. 2)

Para elucidar as condições e consequências criadas pelo mito da democracia racial, na formação das identidades negras e na persistente situação de racismo velado em que vivemos, é importante compreender o surgimento do termo “democracia racial” e para tanto,

encontramos referências sobre sua origem na pesquisa de Guimarães (2001) que apresenta a primeira vez que o termo foi usado na acadêmica em 1952 por Charles Wagley ao escrever: “O Brasil é renomado mundialmente por sua democracia racial”, escrevia Wagley, em 1952, na “Introdução” ao primeiro volume de uma série de estudos sobre relações raciais no Brasil, patrocinados pela UNESCO [...]”.

Apesar de não ter citado o termo “democracia racial” em suas pesquisas, segundo Guimarães, é o autor Gilberto Freyre o maior defensor da democracia racial. Sua produção parece servir justamente em um contexto de união das elites brancas brasileiras para evitar revoltas negras como as que ocorreram no período colonial. No entanto, esse ideário de uma sociedade brasileira sem discriminação, já aparecia no período da escravidão em que os abolicionistas americanos, segundo Guimarães (2001), consideravam a escravidão no Brasil como algo mais suportável e humano, gerada a partir da falta de uma linha de cor. É durante o Estado Novo na conjuntura de 1937 a 1944 que os intelectuais brasileiros começaram a disseminar o conceito de democracia racial, buscando-se assim inserir o Brasil em um mundo democrático em oposição ao derrotado totalitarismo racista e nazifascista da Segunda Guerra.

Persiste e se apresenta nos dias atuais as consequências da ideia de que os brancos no Brasil não tinham consciência de raça como em outros países sem miscigenação e que seria justamente pelo ideário de miscigenação pacífica e consentida no período do Brasil colônia, que se ergueu a percepção da história do povo brasileiro.

Sobre o período da ditadura militar, em particular entre 1968 e 1978, e o mito da democracia racial, Guimarães (1999) escreve:

Nos anos de ditadura militar, entre 1968 e 1978, a ‘democracia racial’ passou a ser um dogma, uma espécie de ideologia do Estado brasileiro. Ora, a redução do anti-racismo ao anti-racialismo, e sua utilização para negar os fatos de discriminação e as desigualdades raciais, crescentes no país, acabaram por formar uma ideologia racista, ou seja, uma justificativa da ordem discriminatória e das desigualdades raciais realmente existentes. (GUIMARÃES, 1999, p. 62)

O autor complementa ainda que nos anos de 1980 e 1990 é que insurgiram no movimento negro, denúncias ao mito da democracia racial como sendo uma ideologia racista. Até os dias atuais o movimento negro segue denunciando o racismo presente em nossa sociedade, apontando os aspectos históricos que o constituem e o diferenciam do preconceito racial de outros países. É urgente a necessidade de reconhecer que o racismo brasileiro existe e que atua de modo também cruel e opressor. Nossa dificuldade em reconhecê-lo é nosso maior desafio e um fator que aprofunda o preconceito e a discriminação. O professor Munanga, em

um evento que lhe concedeu o Prêmio USP de Direitos Humanos, em seu discurso apresentou que:

Sem dúvida, todos os racismos são abomináveis e cada um faz as suas vítimas do seu modo. O brasileiro não é o pior, nem o melhor, mas ele tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todos os brasileiros e brasileiras vítimas e não vítimas. Como disse Ali Wiesel, judeu Nobel da Paz, o carrasco sempre mata duas vezes, a segunda é pelo silêncio, prática característica do racismo brasileiro que sempre mata duas vezes: mata fisicamente, como mostra as estatísticas sobre a genocídio da juventude negra em nossas periferias; mata na inibição da manifestação da consciência de todos, brancos e negros, sobre a existência do racismo em nossa sociedade. É por isso que eu costumo dizer que o racismo brasileiro é um crime perfeito. (MUNANGA, 2018, s/p)

Esse crime perfeito que faz vítima há muitas gerações está presente nas escolas, da educação infantil ao ensino superior. Compromissados com mudanças sociais que enfrentem as desigualdades na direção da construção de uma sociedade livre de preconceitos, é imprescindível a reflexão e ação sobre a temática das relações étnico raciais por parte dos professores e, por conseguinte de toda a comunidade escolar, isto é, o trabalho pedagógico pode e deve intervir trazendo à cena questões raciais que foram secundarizadas ou silenciadas no decorrer da história. Passamos no próximo capítulo a refletir sobre a literatura e sendo ela uma importante aliada do trabalho pedagógico, pode se configurar como um caminho para abordar a temática das relações étnico-raciais em sala de aula.

2. LITERATURA, LITERATURA INFANTIL E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.

Antes de falar sobre literatura Afro-brasileira recorremos a Eliane Debus (2017) para demarcar o conceito de literatura e sua função na sociedade. Primeiramente a autora pontua que os textos literários além de serem obras da humanidade que servem para proporcionar momentos de fruição e entretenimento, também carregam em si potencialidades e efeitos muito importantes para a sociedade. Manter a língua como um patrimônio cultural, bem como contribuir para criar a identidade dos sujeitos e das comunidades. Debus (2017) destaca ainda que:

A palavra ficcional arrebatava o leitor para um tempo e espaço que não são os seus. Desse modo, ele experimenta um viver distante do seu, ao mesmo tempo tão próximo, e, ao voltar desse encontro ficcional, já não é o mesmo; ele é capaz de reconfigurar o seu viver. Se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários que apresentam personagens em diferentes contextos, ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos, ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampliada de mundo. Desse modo, a literatura negra ou afro-brasileira e/ou a temática da cultura africana e afro-brasileira se faz imprescindível [...] (DEBUS, 2017, p. 23)

Nesse sentido, a literatura se apresenta como uma importante ferramenta para o trabalho pedagógico e a literatura afro-brasileira, em especial, um precioso suporte e referência para o desenvolvimento de práticas pedagógicas antirracistas.

No que diz respeito ao texto literário para a infância, Debus (2017) apresenta que a especificidade desse tipo de texto é justamente o leitor criança, mas que, no entanto, antes de chegar até a criança, o livro passa pelos critérios de escolha e um adulto. Tal produção para a infância, demarca a autora, é também regida por critérios estéticos relacionados a características como: tamanho e formato; ilustração, texturas entre outros. É importante frisar também a relevância das ilustrações que acompanham o texto, se apresentando também como uma linguagem. Debus (2017) constata que a relação existente entre o produtor do texto, um adulto, e o leitor criança, é estabelecida a partir da perspectiva na qual a criança é compreendida como um receptor passivo que por meio da leitura e do contato com os modelos definido nas personagens, acaba por absorver exemplos de bom comportamento ou valores a serem considerados corretos.

Eliane Debus (2018) em seu livro *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens* argumenta que os livros do escritor Rogério Andrade Barbosa o configuram como representante da tradição griot na literatura infantil brasileira. Os textos que inauguram o livro de Debus (2018) tratam de demarcar a poderosa função da literatura que além de oferecer entretenimento, também serve para sistematização e preservação da língua,

possuindo poder humanizador já que confirma nas pessoas características humanas como a reflexão, a empatia para com o outro, entre outras.

A autora inicia a defesa da importância do contato com textos literários que apresentem diferentes personagens em diferentes contextos com o objetivo de ampliar a visão de mundo dos alunos. Aqui é que se torna inestimável afirmar que as literaturas africanas e afro-brasileiras devem estar cada vez mais presentes nas salas de aula, estando assim em consonância com a Lei nº 10639/2003 que torna obrigatório o ensino da Cultura e História Afro-Brasileira nas escolas públicas brasileiras.

Segundo a pesquisa realizada pelos membros do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (Literalise), do Centro de Ciências da educação (CED), da Universidade Federal de Santa Catarina, publicada em 2018 no livro *A produção literária de Rogério Andrade Barbosa: da temática africana e afro-brasileira a outros temas*, a temática africana e afro-brasileira na literatura infantil e juvenil ganhou maior espaço no Brasil a partir da aprovação das Leis nº 10.639/03 e a implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004). As pesquisadoras apresentam também que:

Do mesmo modo, também os estudos literários têm, nos últimos anos, apresentado uma noção de literatura de forma mais ampla e concentrado esforços nas pesquisas que contemplam os grupos emergentes. Esse fato é anunciado ainda na década de 1990, no documento “Avaliação e Perspectivas: Curso de Letras” (CNPq), elaborado por Gotilb (1994). Estaria nesses grupos emergentes a literatura feita por mulheres, a literatura popular (oral e de cordel), a literatura africana e a literatura infanto-juvenil. Essa constatação acentuou-se nos últimos anos e, no caso específico de nosso estudo, podemos dizer que a literatura infantil e a temática africana, entrelaçam-se e tornam-se uma tendência na escrita dos livros e nos estudos e pesquisas sobre eles. [...] (Debus et all, 2018, p. 15)

Seguindo a referência da pesquisa elaborada pelo Grupo Literalise (2018), destacamos o que constata a autora Debus (2007) ao resgatar a pesquisa historiográfica feita por Gouvêa (2005) que analisa a representação do negro na literatura infantil no Brasil nos primeiros 30 anos do século XX: “Diante do mito da democracia racial e da visão etnocêntrica, os personagens são marcados pelo desejo do embranquecimento. [...]” (DEBUS et all, 2018, p. 18). Tal reflexão nos atenta para a importância de reconhecer os processos históricos pelos quais passa a produção literária para a infância, em especial as que abordam as relações étnico-raciais.

Um consenso entre pesquisadores sobre a literatura afro-brasileira ainda não existe, diferentes autores apresentam diversas concepções do conjunto de elementos que um texto deve ter para ser considerado ou não literatura afro-brasileira, no entanto, como afirma Duarte (2010) “[...] essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa.”

Segundo Duarte (2010) é a partir da década de 1980 com o aumento da produção de escritores que se assumem pertencentes a uma etnicidade afro-brasileira, ao passo em que as demandas do movimento negro ganham maior notoriedade, é que estudos acadêmicos começam a se intensificar ao se debruçar sobre o conceito de literatura afro-brasileira. A principal divergência entre os estudiosos tem a ver com consideração ou não da cor dos escritores literários. Há reflexões sobre o que seria a literatura negra e a literatura sobre o negro. Após explorar as inúmeras compreensões sobre o tema, Duarte (2010) sintetiza que:

Em resumo, que elementos distinguiriam essa literatura? Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um *ponto de vista* ou *lugar de enunciação* política e culturalmente identificado à afro descendência, como fim e começo. (DUARTE, 2010, p. 122)

Em um esforço de elencar características da literatura afro-brasileira considerando este um conceito ainda em construção, Duarte (2010) escreve sobre alguns elementos que constituem os debates sobre o conceito. O primeiro é o que diz respeito a temática abordada nos textos literários, que abarcam todo um universo não somente do indivíduo negro, mas também de toda a história do povo negro, passando por religiosidade, tradições, registros da oralidade e ancestralidade. O segundo diz respeito a autoria que como já pontuado representa um campo com muitos questionamentos e divergências, uma vez que envolve a consideração de fatores biográficos ou de fenótipos. O terceiro é o ponto de vista que na literatura afro-brasileira deve questionar ou desconstruir o discurso do colonizador, posicionando-se ao lado e na defesa da história contada pelos negros. O quarto é a linguagem que move uma semântica própria em que aparecem termos de origem em vocabulários africanos. A última se refere ao público a quem se destina o texto literário, sendo este afetado pela intencionalidade de apresentar novos modelos identitários, culturais e históricos. Concluindo:

A partir, portanto, da interação dinâmica desses cinco grandes fatores – temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público – pode-se

constatar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude. Tais componentes atuam como constantes discursivas presentes em textos de épocas distintas. Logo, emergem ao patamar de critérios diferenciadores e de pressupostos teórico-críticos a embasar e operacionalizar a leitura dessa produção. Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos propicia o pertencimento à literatura afro-brasileira, mas sim o resultado de sua interrelação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepcional são insuficientes. *Literatura Afro-brasileira: processo, devir.* Além de segmento ou linhagem, componente de amplo encadeamento discursivo. Ao mesmo tempo “dentro e fora” da literatura brasileira [...] (DUARTE, 2010, p. 135)

Ao pensar mais propriamente na produção literária afro-brasileira, para a infância e juventude, recorreremos mais uma vez a autora Debus (2010) que apresenta essa discussão como sendo ainda uma novidade, mas que, no entanto, a partir dos títulos que circulam no mercado editorial brasileiro, por ela analisados, tal produção pode ser dividida em três grandes categorias: “[...] 1) literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira; 2) literatura afro-brasileira; e 3) literaturas africanas.” (DEBUS, 2017, p. 26).

A primeira categoria é o texto literário que tematiza a cultura africana e afro-brasileira sem focalizar a autoria. A segunda é a literatura escrita por escritores afro-brasileiros. E a terceira é a literatura de autoria africana que pode ser subdividida em outras categorias como: literaturas africanas de diferentes línguas e literaturas africanas de língua portuguesa. A literatura produzida por Barbosa e utilizada nesta pesquisa se encaixa na primeira categoria.

2.1 GRIOTS: OS ARTESÃOS DA PALAVRA.

Ao elencar a figura dos griots como um dos elementos relevantes nesta pesquisa, temos a intenção de contribuir para sustentar e afirmar a importância da preservação da tradição oral. Segundo Pinheiro (2013) as fontes orais foram tratadas com desconfiança durante muito tempo pelos ocidentais. No entanto, pós a Segunda Guerra Mundial, a oralidade vem ganhando reconhecimento e espaço nas pesquisas de universidades e por meio de ações de organizações internacionais, a exemplo da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial (2003), feita pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Sendo o Brasil um dos países signatários dessa convenção, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão que era vinculado ao extinto Ministério da Cultura, é a instituição responsável pelas ações que tenham como objetivo salvaguardar o patrimônio imaterial do nosso país. Pensando na extensão de nosso território nacional e na riqueza da diversidade de configurações culturais distribuídas por cada canto, reconhecemos que ainda há

que se lançar muitos esforços na tentativa de preservar e oferecer destaque as nossas tradições orais que certamente tiveram enormes contribuições dos povos africanos.

Para abordar a temática dos griots, apreciemos o trecho a seguir que dialoga com nossa história/pesquisa:

Como uma concha mágica, que se leva ao ouvido, nossa história poderia começar com a expressão *Kwesukesukela...*, que quer dizer era uma vez, há muito tempo..., dita pela voz do contador tradicional, no que a plateia responderia *così, così...*, que significa, entre os povos da África do Sul, estamos prontos para ouvir. (SILVA, 2012, p. 30)

Celso Silva Sisto em sua tese intitulada *Bô sukuta! Kada kin ku su manera: as junba tradicionais africanas recriadas na literatura infantojuvenil brasileira, eué!* (2011), disserta a respeito dos griots. No capítulo II, intitulado “*Jarê, diamante da palavra, na boca dos griôs: o lastro da memória*”, o autor escreve que os griot são: “[...] os condutores do rito do ouvir, ver, imaginar e participar, são os artesãos da palavra. São os que trabalham a palavra, burilam, dão forma, possuem essa especialidade de transformar a palavra em objeto artístico. [...]” (SILVA, 2012, p. 30).

O autor ainda realiza uma importante retomada histórica e antropológica sobre o termo “griô” contextualizando que tal expressão para alguns africanos ocidentais é interpretada de modo pejorativo por ter origem em palavras francesas oriundas do olhar dos colonizadores e que essa palavra nem sequer faria parte da língua de muitos povos africanos, no entanto, há também a posição dos afro-americanos que compreendem o termo como importante meio de afirmação de suas tradições culturais. Após dissertar sobre as diferentes compreensões sobre o termo “griô” o autor ressalva e conclui que:

[...] com todas essas peculiaridades e diferenças, a palavra griô é a que mais resiste; é a que tem o uso mais generalizado e positivo, sobretudo nos países da diáspora africana, particularmente Caribe e Estados Unidos. [...] O termo geral griô mantém a ideia de ligação ancestral, de uma atividade cultural das mais importantes e antigas, ligando diversos povos, africanos e não africanos. (SILVA, 2012, p. 34)

Ainda segundo o autor o uso da palavra “griô” generalizou-se nas últimas duas décadas servindo para designar os sujeitos que praticam uma arte de herança africana como resistência que promove a tomada de uma consciência negra. Há a existência de registros da atuação desses artesãos da palavra, já no século XIV, no Império Mali, bem como a constatação de que são os griots os responsáveis pela manutenção da tradição oral africana nos últimos setecentos anos, uma vez que uma das características mais evidentes de um griot seria a de reconstruir o passado

Silva (2012) e Pinheiro (2013) apresentam em suas teses uma diversidade de nomes que os griots recebem em diferentes lugares do extenso continente africano. Citaremos alguns deles:

akpalô, *akpalô kpatita*, *arokin* e o *Ologbô* são os nomes que recebem esses contadores de histórias nos povos iorubás, *jeliya* é o nome usado na Gâmbia e no Senegal, *Koyaté* na Guiné.

Recorrendo a pesquisa de alguns etnógrafos, Silva (2012) demarca diferentes trabalhos e funções realizadas pelos griots que envolvem a atuação com narrativas cantadas, a função de genealogista, conselheiro e até mesmo de diplomata. Uma das funções mais amplamente reconhecidas fora do continente africanos é a de genealogista, em que um griot participando de alguma cerimônia, é capaz de declamar todo o passado genealógico de uma pessoa ou família, e muito mais do que pontuar listas parentais enormes, sua fala é carregada de intenção de exaltar feitos importantes dos antepassados em questão para a sociedade, demonstrando a força oculta da herança cultural dos heróis daquela família. Para que sua atuação como genealogista seja legitimada o griot precisa justificar sua ligação com a família que está servindo. Antes de começar sua atuação de genealogista o griot fala sobre sua própria nobreza genealógica, afirmando a veracidade do lugar de onde fala, e assim se enaltece acontecimentos do passado e do presente:

Ele costuma relembrar sua própria origem antes mesmo de começar a narrar a origem do outro. Eles também dizem: —eu sou o resultado de uma longa tradição. Durante gerações nós temos passado a história de reis de pai para filho. A narrativa foi passada para mim sem alteração e eu a entrego sem alteração, uma vez que a recebi livre de toda inverdade (NIANE, 1965, p. 401). Esses elos entre o griô narrador e o griô ancestral são frequentes ao longo da narração e conferem-lhe força, autoridade e frescor. Essas narrações acabam por revelar uma grande habilidade verbal e podem durar horas. (SILVA, 2012, p. 44)

Silva (2012) traz que ainda que a história portada pelos griots não seja uma história documental gerada a partir de métodos científicos, de algum modo suas narrativas possuem certificado de veracidade atestado por pessoas reais. Como historiadores, eles estabelecem a ligação entre o passado e o presente como verdadeiras testemunhas dos eventos contados. Para compreender melhor e aceitar a figura dos griots como historiadores, além de nos desprender dos conceitos ocidentais que temos acerca da história e seus registros oficiais, é necessário também reconhecer outra maneira de marcar e se relacionar com o tempo. Muito mais do que datas históricas, as narrativas dos griots estão mais verdadeiramente comprometidas com as pessoas e seus feitos ou comportamentos sociais, para que a partir da narrativa de acontecimentos e costumes do passado, seja possível entender o presente. Sobre essa questão Silva (2012) aponta que:

[...] Não são datas e documentos escritos que provam a existência do passado. A depender do que se procura na história, nem sempre os documentos escritos e científicos são as melhores fontes. Portanto, não se pode dizer que a tarefa de um griô é simplesmente contar eventos, talvez seja muito mais apresentar para a plateia atual,

uma leitura do passado e uma interpretação que reflita a complexa mistura entre valores de ambos, passado e presente. (p. 45).

Seguindo a pesquisa de Silva (2012), a função de porta-voz também é atribuída aos griots que podem ouvir as palavras de um chefe ou governante e depois declará-las ao povo com alta entonação e beleza. É por meio desse papel de porta-voz os griots podem assumir condições de embaixador em relações diplomáticas, bem como servir de interprete, uma vez que muitos griots conhecem diferentes idiomas. Sua presença também é requisitada na efetivação de tratados e acordos importantes, com o objetivo de testemunhar tal acontecimento de maneira que se crie um “documento oral”.

A música representada por canções de louvores que exaltam um acontecimento ou pessoa é mais um aspecto artístico importante na performance desses artesãos da palavra. Um aspecto atual também apontado por Silva (2012), destaca uma deturpação da função do griot oriunda na contemporaneidade em que é possível contratar um griot para fazer-lhe cantos de louvor. Situação que acabou associando o trabalho dos griots a propagandas políticas que se utilizam dessa figura importante tradicionalmente para conquistar a simpatia e confiança do eleitorado. (SILVA, 2012).

Outra face do trabalho dos griots apontada na tese de Silva (2012) está atrelada à docência em que eles eram tidos como tutores de príncipes. Nessa relação de ser professor é que os conhecimentos históricos e culturais de um povo, bem como as tradições e feitos familiares eram ensinados. O valor dos griots como professores é ainda hoje muito reconhecido e apreciado. Sobre o trabalho dos griots modernos, Silva (2012) discorre que muitas de suas funções tiveram que passar por adaptações para que pudessem continuar a ter garantida sua relevância social. Atualmente a narração de histórias e as performances musicais se tornaram o maior foco de atuação dos griots que continuam sendo requisitados em casamentos, cerimônias familiares, eventos governamentais, entre outros.

A arte da palavra é coisa tão bem dominada por esses contadores de história, no sentido de estabelecer laços entre o passado e o presente e vice-versa, que existem palavras ditas em suas histórias que são indecifráveis para os ouvintes, antropólogos e, muitas vezes, para o próprio griot que a repete exatamente como ouviu de seus antepassados. Havendo inclusive lugares em que somente aqueles muito velhos são autorizados a contar certas histórias, pois seu tempo de vida e experiência ao contar aquela história confere valor de veracidade reconhecido pelas pessoas que a escutam.

Após a caracterização da atuação dos griots, em sua pesquisa Silva (2012) se propõe a sistematizar sobre o modo como eles griot expressam suas narrativas, isto é, o autor se debruça nas estratégias e métodos utilizados pelos contadores tradicionais de história africanos para conquistar seus ouvintes e realizar suas funções com mestria. Ao realizar esse movimento de investigação da performance do griot, o autor dialoga com a possibilidade do reconhecimento dessas performances na literatura escrita, estudo esse que muito nos interessa nesta pesquisa em que buscaremos no próximo capítulo nos encontrar com a figura do griot nos livros do escritor Rogério Andrade Barbosa. É olhando para os sentidos poéticos gerados pela narração oral diante de seus ouvintes, que Silva (2012) acredita ser possível se preparar de alguma maneira para um encontro com esses elementos performáticos no texto escrito.

Um dos aspectos centrais apontado no decorrer de seu texto diz respeito as múltiplas formas de arte presentes no ato de contar histórias, realçando a conexão direta e permanente entre a voz, o corpo, a dança, a música, o gesto e a poesia:

O cenário onde a narração acontece, os ruídos da aldeia ao redor do espaço, os tons, volumes e intensidades da voz do narrador oral, o controle e a atenção que devota ao outro enquanto narra, as respostas indiretas que dá às reações do ouvinte, o tempo de exploração dos efeitos, da sonoridade das palavras e dos gestos, as vozes dos outros, falando pela voz de quem narra, tudo isso pode ser percebido no ato de contar uma história oralmente. Nada disso pode ser dispensado. Tudo isso compõe a história. É, portanto, necessário considerar que a atuação desses narradores orais, chamados griôs, é (ou foi) de fundamental importância para a dinâmica das histórias herdadas da tradição oral. Mesmo quando ele narra uma história que aparentemente está descolada dele, através de uma narração que afirma ter ouvido de terceiros, ainda assim é a sua atuação, a sua convicção, o seu empenho que vão dar à história o colorido necessário para a maior e melhor fruição desta pelo público. (SILVA, 2012, p. 76)

Toda essa composição ao narrar uma história feita pelos griots podem nos servir como poderosas ferramentas pedagógicas. Afinal, quanto do trabalho docente não poderia, no final das contas, ser traduzido ou compreendido como narrativas ou contações de histórias que tentamos encantar para os alunos sobre o mundo e a sociedade? Parece-nos que a figura dos griots precisa cada vez mais ser estudada e compreendida pelos professores para que estes sejam capazes de reviver tais tradições com a maior verdade e beleza possível.

A performance da cultura oral, segundo Silva, teria que lidar o tempo todo com seu aspecto social dinâmico e instável que depende sempre do público que ouve as narrativas. Essa relação entre o griot e seus ouvintes é explanada na seguinte citação:

Mas quem conta, conta para alguém, por isso a narração oral precisa do outro para se consumir. Aproveitando as palavras de Paul Zumthor, compactuamos com a ideia de que —o som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências (1997, p. 15). É exatamente isso que um griô faz: por mais que cada indivíduo, numa plateia, esteja cercado por uma multidão, a primeira ligação que se

estabelece é entre quem conta e quem ouve, para depois se espriar para a coletividade, para englobar os que estão em volta, para desencadear uma identidade que extrapole o individual e comece a se perceber como —cimento| ligando os indivíduos a um determinado grupo. Mas, antes disso, é preciso que essa voz narrativa atue no indivíduo, com toda a potência e seguida de todos os elementos associativos de que puder lançar mão, tais como os já largamente mencionados corpos, gestos, melodias, olhares, expressões faciais etc. (SILVA, 2012, p. 83)

E nessa voz que cria laços entre quem a pronuncia e quem a recebe também se alimenta de um lado enigmático, isto é, no não dito e nos silêncios das performances é que os ouvintes são convidados a entrar no que Silva (2012) chama de subterrâneos das palavras. Cria-se assim, uma imagem de sacerdote para os griots que ajudam a formar sua linguagem simbólica: “[...] compondo narrativas que contam as coisas de forma indireta, fazendo uso de uma linguagem desvendável, cifrada, deixando o simbólico invadir o imaginário, para ser decifrado pela plateia. Isso é próprio da linguagem da arte.” (SILVA, 2012, p. 84). Por meio dessa arte é que a contação de histórias que reivindica a tradição oral africana, pode afetar os indivíduos envolvidos e forjar um ambiente propício para o reconhecimento de si como indivíduo participante de uma sociedade.

Passamos agora a abordar as reflexões de Silva (2012) sobre o exercício de reconhecer na literatura escrita todo esse conjunto de elementos que compõem a atuação de um griot, nesse sentido o autor começa perguntando:

[...] como os elementos típicos da oralidade serão mantidos no texto escrito? Então, para a configuração desses textos, temos de levar em conta a performance do narrador, as funções desse texto, seus aspectos constitutivos, os possíveis sentidos que ele adquire quando atualizado e as práticas culturais onde esses textos estão inseridos. Ver o texto assim é vê-lo de modo coeso. (SILVA, 2012, p. 74)

O escritor ao registrar um conto que ouviu da tradição oral, segundo Silva (2012), torna-se também um griot. Ao compor sua escrita, seria preciso lidar com todos esses elementos performáticos dos griots, e tal necessidade pode se apresentar no corpo do próprio texto, na forma como ele é apresentado, ou seja, se utilizando de diferentes tamanhos das letras para dar a ideia da entonação necessária a história, por exemplo. Silva (2012), argumenta que o livro pode servir como uma partitura pra um contador de histórias e para tanto, o texto precisa estar “habitado de desejo”: “[...] Por isso o texto escrito originário de uma narração oral é esse texto com potência represada, que ganhará vibração na leitura, na performance, na cena. [...] (SILVA, 2012, p. 92).

É a palavra, portanto, o elo mais forte desse contexto, seja ela palavra escrita ou pronunciada. E para aprofundar-se nesse tema, Silva (2012) move o conceito “escritura-happeing”, utilizado por Zumthor (1997). Happeing é um termo das artes visuais e do teatro

que diz respeito a espontaneidade e improvisação inerentes ao trabalho de um contador de histórias. Essa dose de imprevisibilidade pode e deve estar presente na escrita das histórias orais. O mesmo movimento que mistura palavra poética com melodia e movimento e que dão sentido para as histórias dos griots, devem estar presentes nas linhas do texto:

[...] o conto popular, narrado ou escrito, é um objeto cultural múltiplo e, principalmente, um acontecimento que funde várias artes. Se a performance de um narrador oral, como vimos, está amalgamada com a poesia (considerando-se o texto oral como texto poético), a dança (o movimento, a gestualidade) e a música (canto, melodia da fala, o recitativo), o conto popular em sua forma escrita também é capaz de funcionar como esse roteiro para a emergência de todas essas linguagens artísticas. Se o leitor, nesse espaço de ficção que se instaura com a leitura, é capaz de prefigurar essa teatralidade, podemos dizer que o narrador do texto escrito é a duplicação do contador oral (ao estilo de um griô, porque estamos pensando no conto popular africano) e que a leitura do conto popular, pede (quase exige) uma leitura oral, para refazer, com maior potência, o exercício primeiro dos tradicionais contadores orais do passado. O conto popular, em sua modalidade escrita, é ainda a confluência de várias linguagens artísticas (cênica, visual, musical, poética). A ideia de multiarte não é simplesmente colocar várias artes ao lado uma das outras, mas fundi-las, para que, funcionando juntas, deem origem a um novo —objeto. A performance de um contador oral africano faz isso. O reconto de um texto de tradição oral pretende fazer isso. São as várias linguagens artísticas reunidas num só lugar, ou seja, no corpo do conto. (SILVA, 2012, p. 98).

Essa multiarte é que pretendemos encontrar nos livros de Barbosa ao procurar pela voz do griot em seus recontos. Reivindicando os autores de literatura de tradição oral é que Silva (2012) irá pontuar o compromisso desses autores com o registro da memória coletiva. Analisando esses livros oriundas da tradição oral, produzidas para o leitor criança e jovem, o autor classifica e divide tais produções como pertencentes a três focos: o primeiro seria os contos centrados nas sobrevivência narrativa que aproveitam os resquícios e vestígios das histórias africanas; o segundo estaria centrado nas reincidências nacionais que possuem como finalidade trazer para o público brasileiro os contos africanos de transmissão oral e por último livros centrados nas reconquistas místicas que realizam a tentativa de trazer para o leitor brasileiro a referência mitológica que foram silenciadas no decorrer da nossa história de preconceito racial. Segundo Silva, (2012) os livros de Barbosa estão centrados com o segundo foco, sendo ele a maior referência no que diz respeito às produções de reincidências nacionais.

Sobre a intencionalidade de trazer para o texto escrito toda a potencialidade da oralidade Silva (2012) nos oferece mais elementos para observamos na análise dos livros de Barbosa:

Aproveitando mesmo a concepção de Ungaretti (1992), que dizia que somente a voz fixaria o texto, afirmamos que a escrita de um conto popular traz em si essa necessidade premente que o texto tem de ser vocalizado, de ser narrado oralmente para ser completado. Esses textos oriundos da tradição oral são textos escritos com vistas à performance. A linguagem usada pelo escritor já informa essa intenção. Portanto, os escritores do reconto, como os que examinaremos nesta pesquisa, já

visam esse —conto sonoro, que tem forma própria e só está completo quando retorna para a oralidade, via leitura em voz alta ou narração oral, na qual funcionaria como um *script*. [...] (SILVA, 2012, p. 168)

Tal explanação potencializa nosso olhar para os livros de contos populares ao passo em que nos convida a ser a voz dessas narrativas. Demarcamos mais uma vez aqui o papel imprescindível do professor ao utilizar-se da literatura de tradição oral em sala de aula. É preciso acolher e expressar esse convite feito pelo texto e por seus escritores para garantir e reivindicar toda a emoção do ato de contar histórias.

Escolhemos a coleção “Bichos da África” do Barbosa, desejosas ao encontro com a figura do griots em seus livros, nesse sentido, o que nos diz Silva (2012) em sua pesquisa afirma o caminho que traçamos nesta pesquisa:

Na maior parte de seus livros, Barbosa defende a ideia de que —os velhos são os sábios das comunidades, donos de memória prodigiosa, verdadeiras enciclopédias vivas encarregadas de perpetuarem a tradição e a história de seus povos! (BARBOSA, 1997, p.2), como diz a pesquisadora Glória Pondé, na apresentação da coleção Bichos da África. E, para assumir essa posição claramente na sua obra de estreia (os quatro volumes da referida coleção), ele cria a figura de vovô Ussumane, um velho sábio africano que conta histórias para as crianças da aldeia, cada vez que o cotidiano é marcado por um acontecimento extraordinário ou corriqueiro, que incite a curiosidade das crianças, a ponto de gerar uma série de perguntas e pedidos. Esse é o mote para que vovô Ussumane conte as histórias. No caso dessa coleção, as histórias são fábulas. É vovô, sempre atento a tudo, com sua memória prodigiosa, —sempre que podia, gostava de lembrar aos netinhos a grandeza dos reinos existentes na África, antes da chegada do homem branco ao seu litorall (BARBOSA, 1987a, p. 3). Os velhos contadores tomam para si o papel de exaltar o imenso poder dos soberanos negros de outrora. Além disso, como nessa coleção, os velhos fazem parte do tribunal da aldeia [...] (SILVA, 2012, p. 204)

A partir do levantamento e pesquisa bibliográfica feitas nos dois primeiros capítulos, é que pretendemos olhar para esses títulos reconhecendo os caminhos que o autor utiliza para trazer essa figura da tradição oral africana em seus recontos. E junto a esse exercício pensar em práticas pedagógicas antirracistas possíveis a partir dessa literatura.

2.2 TRADIÇÃO ORAL GRIOT NO BRASIL: CULTURA POPULAR E RESISTÊNCIA.

No que diz respeito a repercussão dessa tradição oral africana na cultura brasileira, a pesquisa de Pinheiro (2013) nos mostra que a referência mais antiga ao exercício da tradição oral africana em terras brasileiras é encontrada no final do Brasil Império, sendo observado em textos do escritor Joaquim Nabuco no livro “O abolicionismo”, publicado em 1883, em que ao denunciar o tráfico de escravizados, se refere também a tradição oral africana, dizendo que por meio de tal tradição oral das vítimas é que podemos nos deparar com relatos do que foram os

navios negreiros, relatos que horrorizam. Contudo, não há muitos registros históricos que afirmem ou falem da resistência da tradição oral no Brasil. (PINHEIRO, 2013).

Na década de 1930 autores como o Gilberto Freyre e Arthur Ramos se utilizam da personagem “velha Totonha” do livro “Menino do Engenho” de José Lins do Rego publicado em 1932, e da pesquisa etnográfica feita pelo tenente-coronel britânico Ellis sobre os povos iorubás, para destacar a prática da contação de histórias feita pelos povos africanos escravizados no Brasil:

Encontra-se aqui, um fio de continuidade da tradição oral africana no Brasil. É a alusão que Freyre faz ligando as “negras velhas” que contam histórias à tradição iorubá do *akpalô*. Se antes de Freyre nada que referisse ou nomeasse a tradição africana de contar histórias foi encontrado, agora o autor diz isso claramente: “O *akpalô* é uma instituição africana que floresceu no Brasil na pessoa de negras velhas que só faziam contar histórias” [...]. (PINHEIRO, 2013, p. 35)

O escritor Arthur Ramos recebe destaque importante no texto de Pinheiro (2013) ao ter em *Folclore Negro do Brasil* (1935) reconhecido um consistente estudo sobre a tradição oral africana em terras nacionais, em que discute a influência dos contos de matriz africana na cultura popular brasileira. É nesse livro que primeiro aparece o termo *griot* para se referir ao contador de histórias da tradição oral africana.

Seguindo em sua pesquisa, Pinheiro (2013) apresenta que após a localização das produções anteriormente comentadas, nada mais foi publicado no país para tratar da sobrevivência das tradições orais:

A pesquisa acabou por indicar duas explicações plausíveis para esse período de ausência do contador de histórias de tradição africana nas fontes analisadas. A primeira é que, com o desaparecimento dos últimos africanos no Brasil, a tradição tenha se perdido ou, ao menos, tenha perdido sua visibilidade. A segunda é que, a despeito de todo o empenho em compor um estado da arte satisfatório ao processo investigativo, assim como a utilização de uma ampla bibliografia de apoio, as fontes utilizadas não são ainda suficientes para reconstituir a história da tradição *griô* no Brasil. (PINHEIRO, 2013, p. 41)

Somente na década de 1990 é que existe uma retomada da tradição dos *griots* no Brasil, realizada a partir de políticas públicas. A ONG Grãos de Luz na Bahia toma conhecimento das tradições orais africanas e passa a promover ações vinculadas a figura dos *griots*. Tais ações acabaram por e transformar no “Projeto Griô”:

Em 2001, com o avanço do Projeto Griô, a ONG assume uma nova identidade e passa a se chamar Grãos de Luz e Griô. Em 2004, a partir de uma parceria com o Ministério da Cultura, o Projeto Griô passa a ser uma das ações nacionais desenvolvidas dentro do âmbito do Programa Cultura Viva, do MinC (SILVA; ARAÚJO, 2010, p. 41-42). O Programa Cultura Viva articula a criação de uma rede de gestão cultural nacional, com o objetivo de fortalecer o protagonismo cultural e a valorização de comunidades

excluídas em todo o país. Para isso, reconhece e apoia financeiramente os pontos de cultura, que são organizações da sociedade civil, que têm seus projetos selecionados através de editais públicos. (PINHEIRO, 2013, p. 42)

A figura do griot no Brasil ressurge não como uma continuação da tradição oral trazida do continente africano, mas sim como resultado dessas políticas públicas que promovem o reconhecimento do trabalho dos griot a partir de abertura de editais como os do “Programa Ação Griô Nacional”. Diante disso Pinheiro (2013) argumenta que sua intenção é demonstrar que os griot encontrados hoje não possuem ligação com o griot histórico e que sim são oriundos das políticas públicas. Esse novo griot seria, segundo o autor, o reconhecimento e a valorização dos saberes e fazeres expressos na oralidade popular e que a utilização da tradição oral africana dos griots, serviria para estabelecer vínculos entre a cultura negra e essa oralidade popular. (PINHEIRO, 2013).

Em relação a tradição oral dos griots nos dias atuais no Brasil, compreendida como resistência destacamos o seguinte trecho da pesquisa de Pinheiro (2013):

Verificar os fatos da História é uma das atribuições do pensar histórico, descobrir ou não uma forma de continuidade da tradição *griô* africana no Brasil, ainda parece um profícuo trabalho investigativo. No entanto, trabalhar com a ideia de que a tradição pode a qualquer momento ressurgir, que ela possui a capacidade intrínseca da mudança, que ela pode “florescer em toda parte em versões diferentes” (p. 53), faz pensar que ela também pode ser constituída enquanto um instrumento de resistência – independentemente de sua lealdade para com antigos rituais de uma prática ancestral com a qual se liga. E por que um instrumento de resistência? Porque através da compreensão de que a tradição contém em si a possibilidade da mudança, ao mesmo tempo em que se vincula simbolicamente há uma prática remota, ela pode ser utilizada como contraponto ao atual estado de coisas da sociedade de consumo contemporânea. (PINHEIRO, 2013, p. 45)

Se a prática da tradição griot pode se fazer resistência sendo um contraponto ao atual estado das coisas, fazer com que ela se apresente nos espaços escolares, possibilitando aos alunos a potencialidade de se apropriar dela reconhecendo sua beleza e importância histórica, também pode ser reconhecido como modo de resistência. E ao pensar em resistência, voltamos a nos referir a pesquisa de Silva (2012) quando sobre Barbosa ele aponta que:

O autor reconhece, historicamente, que —as histórias que circulavam entre os negros eram a única oportunidade que eles tinham para inventar um mundo para si mesmos (BARBOSA, 2006, p. 7), e que fortalecer a cultura oral era também fortalecer a resistência. Esse também tem sido o compromisso social e político do autor. Seu projeto do uso da literatura como instrumento político também transparece nas escolhas que faz, como fica claro no livro *Nas asas da liberdade*, em que reconhecemos um autor preocupado com a fraternidade e com a abolição total do preconceito. (SILVA, 2012, p. 207)

Seguindo na defesa da compreensão de que é necessário continuar a se pesquisar sobre os griot se incentivar a resistência das tradições orais valorizando a cultura popular negra, finalizamos esse capítulo como faz Silva (2012) em sua pesquisa, saudando esses artesãos da palavra:

Oriki do griô

Ele é grande o bastante
para carregar a palavra.
Tem muitos olhos.
O homem das histórias.
Tem muitas línguas,
O homem das histórias.
Tem muitos braços,
O homem das histórias.
O que diz está ali.
Todo mundo pode ver.
Traz de volta o que fala,
Se divide, multiplica.
Se transforma, é melodia.
Se traduz, é movimento.
O tambor, seu coração
Pulsa, pulsa, pulsa, pulsa.
A história é coração.
Coração é força única.
Se griô, *djéli*, até mesmo *akpalô*
Carregar o fogo da palavra
É tarefa bem maior,
Vagar pelos tempos,
É tarefa bem maior,
Juntar os mundos
É tarefa bem maior
Quem escuta, vira filho,
Vira pai, senhor, ou rei
Então, Axé, eu te saúdo
Então, Axé, eu te bendigo
Em nome da terra, da água,
do fogo e do ar.
Eu, eu todo te bendigo!
(SISTO, 2012)

3. ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA: UM GRIOT EM TERRAS BRASILEIRAS.

A trajetória do autor Rogério Andrade Barbosa é mais um dos elementos que justificam a relevância da escolha dos seus títulos para a elaboração das reflexões construídas nesta pesquisa. Nascido em Minas Gerais, mudou-se quando criança com a família, para o Rio de Janeiro onde se graduou em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e realizou sua pós-graduação, em nível de especialização em Literatura Infantil Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Seguindo seu desejo de conhecer o mundo, no final da década de 1970, Rogério se candidatou ao cargo de professor voluntário oferecido pelas Nações Unidas (ONU). Exercendo a docência em Guiné-Bissau é que o autor se deparou com a riqueza das relações culturais presenciadas e compartilhadas com o povo guineense. Ao final dos dois anos em Guiné-Bissau, retornou ao Brasil e produziu o Livro chamado: *La-Le-Li-Lo-Luta: um professor brasileiro na Guiné Bissau* em que, segundo Debus e Domingues (2018), registra sua experiência por meio de um relato sensível e memorável:

Entre a expectativa do encontro com o desconhecido e o contato com a dura realidade, em que as privações eram comuns, o relato do jovem professor brasileiro, com um discurso claro e simples, porém rico em detalhes, revela-nos uma experiência marcada por muitas descobertas. Ao chegar à capital de Guiné-Bissau, Rogério Barbosa surpreendeu-se com os guineenses, um povo humilde. Porém disciplinado e afetuoso, marcado pelo legado do colonialismo explorador e, de certa forma, desumano, que desconsiderou a cultura e negou a todos o acesso à educação. (DEBUS, et all, 2018 p. 26)

As autoras registram ainda que Rogério Barbosa voltou ao Brasil com a certeza de que a miséria e o sofrimento não abalaram a dignidade dos guineenses que revelam em seus gestos, palavras e atitudes que a liberdade conquistada seria a grande herança para as futuras gerações.

Na metade da década de 1980 foram publicados seus primeiros títulos para a infância, quando ao voltar da viagem a Guiné-Bissau, participou de uma feira de livros em São Paulo, onde verificou a escassez de títulos que tratassem sobre o continente africano, seus povos e suas histórias. Olhando para o vasto material que coletara com sua experiência em terras africanas, é que fez surgir os processos de sua escrita.

Seu primeiro livro para infância foi *Bichos da África: lendas e fábulas* (Melhoramentos, 2001), que na sequência ganhou mais três títulos, transformando-se na coleção de quatro volumes analisada nesta pesquisa. Entregue ao esforço de produzir recontos das histórias

africanas é que no ano de publicação do primeiro título (1987), foi finalista do Prêmio Jabuti e ao ser reeditado ganhou o Jabuti 1998 de Melhor Ilustração.

Em entrevista concedida às pesquisadoras Debus e Bernardes (2018), Rogério Barbosa afirma que é esse primeiro título publicado, o mais vendido de todas as suas produções, já tendo ultrapassado a casa de um milhão de exemplares e traduzido para o inglês, para o alemão, e para o espanhol. Foi a partir do sucesso de sua publicação que o autor decidiu dedicar-se a escrita e retornou algumas vezes ao continente africano para ampliar seu repertório e ouvir mais histórias. Nessa entrevista é possível encontrar também que para Rogério Barbosa seu tempo no continente africano representou um divisor de águas em sua vida e que ao escrever suas histórias é influenciado pela atuação dos griots. Outro elemento importante presente é a defesa que o escritor faz da compreensão de que livro precisa ser como um espelho em uma sociedade multicultural e que, portanto, deve servir para que os leitores se reconheçam nos personagens, ilustrações e histórias. Nesse sentido é possível reforçar o papel de destaque da literatura no combate à discriminação racial.

Eliane Debus escreve sobre os recontos africanos produzidos por Barbosa e apresenta que “em seu fazer, Rogério exerce o papel de *griot* contemporâneo, [...]” Argumenta ainda que o escritor consegue recontar sem perder o fio imemorial da oralidade, respeitando a ancestralidade e o valor dos *griots*.

Em seu sítio eletrônico é possível encontrar que atualmente, Rogério Andrade Barbosa trabalha na área da Literatura Afro-Brasileira, proferindo palestras e ministrando cursos, além de viajar pelo Brasil afora com o projeto Proler, da Fundação Biblioteca Nacional. Encontra-se ainda que:

São 30 anos de literatura e mais de 100 livros publicados, alguns traduzidos para o inglês, espanhol e alemão. Participou como autor, palestrante e contador de histórias em eventos literários e Feiras do Livro na Alemanha, Cuba, Itália, México, Peru, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Etiópia e República Dominicana, Portugal. E dos Congressos do IBBY (International Board on Books for Young People) em Cartagena (Colômbia-2000), Basel (Suíça-2002), Cape Town (África do Sul-2004), Macau (China 2006) e Copenhagem (Dinamarca-2008).

Entre os prêmios e distinções recebidos, destacam-se:

- Altamente Recomendável para Crianças e Jovens - FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).
- THE WHITE RAVENS, Alemanha 1988 e 2001 (Selecionado para o acervo da Biblioteca Internacional de Literatura Infantil e Juvenil de Munique).
- LISTA DE HONRA DO IBBY, Suíça, 2002.
- TROFÉU VASCO PRADO (Jornada Nacional de Literatura), Passo Fundo, 2003.
- PRÊMIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS de Literatura Infanto-Juvenil, Rio de Janeiro, 2005.

- PRÊMIO ORI 2007 (Secretaria das Culturas do Rio de Janeiro) - Homenagem aos que se destacam na valorização da matriz negra na formação cultural do Brasil. (BARBOSA, 2019)

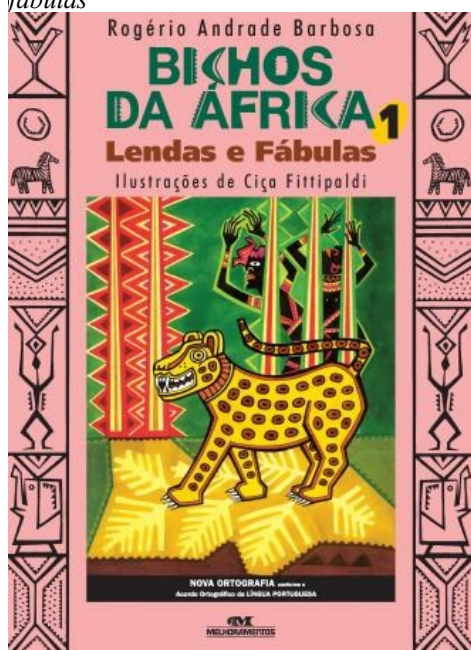
Com mais de 90 títulos publicados e uma trajetória de escrita que antecede a Lei 10639/2003, Rogério Andrade Barbosa pode ser considerado um dos escritores brasileiros mais importantes tornando-se referência quando se trata da produção literárias para infância e juventude que abordem temáticas relacionadas as questões étnico-raciais.

Para avançarmos para a próxima etapa do trabalho, escutemos o que nos diz Barbosa no livro *Histórias Africanas para contar e recontar* (2001), em que o autor tenta nos inserir no universo que tem a intenção de recriar com seus recontos:

Seja bem-vindo ao maravilhoso mundo da literatura oral. Sinta-se como se estivesse em torno de uma fogueira, aquecendo-se ao calor das chamas ao lado de outros meninos e meninas sob o céu estrelado da mãe África, enquanto aguarda a hora de ouvir histórias. Imagine a mata escura e misteriosa povoada por seres e animais lendários. Preste atenção aos gestos, à expressão do rosto, ao olhar e à voz encantadora do contador. Escute o canto das aves espalhadas nos galhos das árvores seculares, em meio aos guinchos dos macacos e rugidos das feras ocultas entre as densas folhagens. Não se limite apenas a ler ou a ouvir. Vibre intensamente com as histórias como se fizesse parte da atenta platéia. Aprecie os contos que explicam a origem do comportamento de determinados habitantes da floresta. Depois, leia as histórias em voz alta e tente reproduzir o andar e os diálogos travados pelos incríveis personagens. Afinal, as histórias, principalmente na África, foram feitas para serem contadas e recontadas. (BARBOSA, 2001, p. 5)

3.1 ANÁLISE DOS LIVROS DA COLEÇÃO BICHOS DA ÁFRICA, DE ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA.

Figura 1 - *Bichos da África: lendas e fábulas*



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Bichos da África: lendas e fábulas (2001)

O livro *Bichos da África: lendas e fábulas* (2001) é o primeiro dos quatro títulos publicados por Barbosa que compõem a Coleção Bichos da África. E como já afirmado é o seu livro mais vendido, ultrapassando a casa de um milhão de exemplares vendidos, sendo traduzido para várias línguas. O livro conta com ilustrações feitas pela reconhecida ilustradora Ciça Fittipaldi. Vale destacar as premiações que o título recebeu: finalista do prêmio Jabuti na categoria texto, vencedor do prêmio Jabuti na categoria melhor ilustração, ganhador do selo altamente recomendável para crianças, atribuído pela

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e compõe o acervo da biblioteca Infantil de Munique, White Ravens. (DEBUS et al, 2018 p. 39).

Sobre os aspectos paratextuais, a capa rosa é adornada por elementos que remetem ao continente africano como zebras e elefantes. No centro a imagem da onça e de pessoas negras no fundo remetem ao conteúdo das histórias apresentadas na edição. Com 16 páginas ao todo, encontramos na primeira o desenho de uma pessoa negra que parece dançar segurando em suas mãos animais da savana, é nessa página que é anunciado o nome das duas lendas narradas: “A Mosca Trapalhona” e a “Tartaruga e o Leopardo”.

A apresentação do livro é escrita por Glória Pondé que introduz o leitor na clareira que o livro pode abrir em sala de aula. Aqui ao falar de clareira, nos referimos a bonita imagem construída pela autora Gilka Girardello sobre o ato de contar histórias:

[...] os momentos em que se contam histórias nas salas de aula são como clareiras num bosque. Suponhamos um pouco mais: em meio ao zum-zum das crianças forma-se um círculo, no fundo da sala, em cima de um tapete ou de almofadas de algodão que passaram a manhã tomando sol no beiral da janela. Com olhos arregalados e risadinhas, as crianças aconchegam-se e escutam a voz da moça de jeans ou vestido floreado — a professora. Entram na história que ela conta, quase fecham os olhos, feito estátuas. Mas, ao contrário do que parece, elas não estão nem um pouquinho paradas: cavalgam num corcel veloz, ocupadíssimas com aventuras muito longe dali. (GIRARDELLO, 2011, p. 63)

Então nessa clareira no bosque é que Glória Pondé nos insere no universo da “leitura oral africana”, como se intitula a apresentação, e anuncia nosso encontro com o Vovô Ussumane que contará histórias ao seu neto Malafi. Pontua-se sobre a respeitada sabedoria dos mais velhos que se tornam griots e da próxima relação entre as pessoas e os animais presentes nas histórias, que acabam por estabelecer relações entre as narrativas e a vida cotidiana, seus valores e costumes.

Após a apresentação encontramos com a primeira fábula “A Mosca Trapalhona”. O texto começa com uma pergunta feita pelo Vovô Ussumane para seus ouvintes que usa de uma experiência vivenciada na aldeia sobre uma queimada que afungentou os animais causando grande correria. Nesse trecho, a fala do velho griot revela os costumes de plantio e preparo da terra de seu povo, contando que alguns campos ainda não haviam sido limpos para a semeadura. A partir dessa retomada é que ele introduz a fábula da mosca que também causou grande confusão e correria.

Trata-se então de uma história acumulativa em que um fato desencadeia o outro, a começar pela mosca que tentando ser prestativa, avisou a cobra que dormia em um monte de lenha, que havia alguém chegando para buscar a lenha e que a cobra deveria então ficar atenta.

Assustada a cobra se esconde na toca do rato que sai correndo ao vê-la e acaba por esbarrar nas pernas de um faisão, que começou a gritar, um macaco ouvindo a gritaria se assustou e derrubou um galho na cabeça do elefante, o elefante saiu correndo e pisou no ninho de um pássaro chamado ntiétié, que possui penas vermelhas como o fogo e que de tão zangada que ficou, ateou fogo por toda a planície. O veado que por ali passava queimou suas patas e correu para o rio com a intenção de refrescar-se, mas não avisou as mulheres que nuas tomavam banho lá. Elas então saíram correndo e reclamaram com o chefe da aldeia. O chefe por sua vez, chamou o veado para explicar-se e o veado pede desculpas e atribui a culpa ao pássaro ntiétié. Assim por diante cada animal vai atribuindo culpa ao anterior até chegar na mosca que na verdade só tentou fazer o bem. A mosca então é perdoada pelo conselho ancião da aldeia. Após terminar de contar a história o velho griot se despede do neto e de seus amigos que o ouviam desejando um boa noite.

O texto em conjunto com as ilustrações cria um enredo que nos transporta às planícies africanas, fazendo-nos imaginar a aldeia e os animais que por ali vivem. As práticas culturais que identificamos foram o preparo da terra para o plantio, a reunião do conselho de anciões para julgar o caso, da mosca, a relação estreita entre os aldeões e os animais, em um contexto em que os animais sabem falar, bem como o próprio ato central de ter crianças ouvindo histórias do griot ancião.

A segunda lenda, “A Tartaruga e o Leopardo”, inicia acompanhada da figura do que parece ser um caçador adornado por colares e uma pele de leopardo. Em suas mãos e corpo em posição de ataque segura duas lanças. Tal imagem dialoga com o início do texto que nos conta sobre uma conversa que acontecia entre a garotada, enquanto o Vovô Ussumane tragava seu cachimbo. Comentavam sobre um caçador que outrora havia passado por ali preparado para ir até outro povoado onde um leão estava a causar muitos problemas. A aparência do caçador chamou atenção das crianças: seus amuletos mágicos de proteção e armamento. Ao manifestar seu desejo de se tornar um caçador quando crescesse, Malafi é interrompido por seu avô que lhe adverte do caminho necessário para se tornar um caçador que envolve muitos anos de aprendizagem, pois, um caçador precisa conhecer muito bem a rotina dos animais, além de dominar a arte de construir armadilhas. As crianças, em seguida, pedem por uma história sobre armadilhas.

O velho griot então, começa a contar a história da tartaruga que cai em um buraco que era uma armadilha. Enquanto pensava em uma maneira de escapar dali um leopardo acabou caindo também no buraco. Rapidamente a tartaruga deu um salto e fingiu que o buraco era sua

casa, gritando com o leopardo para convencê-lo que de havia entrado na casa dela. O leopardo com raiva do atrevimento da tartaruga, a jogou pra fora do buraco. Assim ela pode voltar para sua casa.

Localizamos as seguintes práticas culturais nessa fábula: a tradição oral, o cachimbo, os amuletos mágicos do caçador, a figura do caçador sendo reconhecida como um profissional de prestígio e a ligação entre o homem e a natureza na necessidade de observação e aprendizado do comportamento dos animais.

As duas histórias carregam intrinsecamente lições morais e levantam reflexões sobre a vida real em comunidade. A primeira pode suscitar questões sobre as consequências de nossas ações, mesmo quando bem intencionadas e a segunda pode tratar da esperteza e sagacidade necessária para solucionar possíveis situações de tensão e também refletir sobre o impulso e sentimento de raiva da onça, que atirando a tartaruga para fora do buraco não percebeu a realidade da situação em que se encontravam.

Sobre essa produção literária Silva (2012) apresenta que:

Na coleção *Bichos da África*, as fábulas têm um aspecto híbrido, porque contam com uma moldura, que é a inclusão do personagem vovô Ussumane como condutor das histórias, como o narrador tradicional, na boca de quem as histórias são contadas. Mesmo dentro dessa estrutura de moldura, que gera uma fábula, temos ainda outros tipos de narrativas, como a do conto cumulativo, por exemplo, na história —A mosca trapalhona (*Bichos da África*, volume 1). Em se tratando de fábulas transformadas em contos, o autor deixa claro que a função da história narrada por ele é divertir e educar (para mostrar a obediência e o respeito devidos aos mais velhos, para fixação dos costumes tradicionais, para enfatizar a força da inteligência, para explicar a aparência das coisas etc.) [...] (SILVA, 2012, p. 216)

A figura do griot é, sem dúvida, o elemento central que desencadeia todo o desenrolar da narrativa das duas lendas recontadas. É possível reconhecer seu lugar de prestígio e admiração na aldeia ao identificar na escuta e interesse das crianças o respeito, disponibilidade e interesse para ouvir o que tem a ensinar a sabedoria das histórias contadas pelo ancião. Todos esses elementos associados a estética do livro, constituem-se em uma preciosa ferramenta pedagógica em que o professor pode mediar a narração do livro, com a intencionalidade de ampliar o repertório estético e cultural de seus alunos.

O livro se encerra com a apresentação da série, escrita por Helena Theodoro Lopes (2001):

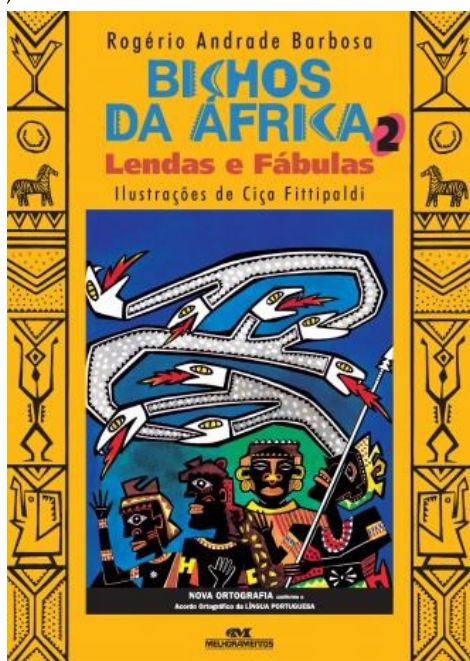
A tradição oral, no Terceiro Mundo, é importante fator de enriquecimento e afirmação da identidade social. A série *Bichos da África* vem esclarecer os valores civilizatórios africanos, tão pouco conhecidos pela comunidade negra brasileira, que luta por ser reconhecida e por se integrar no conjunto da sociedade. Estes contos tradicionais africanos de animais demonstram claramente as estratégias próprias da cultura negra, que possui uma força efetiva e se antepõe a uma ordem cultural branca,

que, em um país plural como o nosso, sempre se quis hegemônica. (LOPES, 2001, p.16)

Argumenta-se também, nessa apresentação que finaliza a primeira edição da coleção, que a oralidade presente na atuação do Vovô Ussumane se apresenta como uma atitude diante da vida, como uma virtude e não como a ausência da habilidade de escrever.

Bichos da África 2: lendas e fábulas (2006)

Figura 2 - *Bichos da África 2: lendas e fábulas*



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

O livro *Bichos da África 2: lendas e fábulas* (2006) é o segundo livro da Coleção Bichos da África. Composto estruturalmente por 14 páginas e três fábulas, conta com a arte da reconhecida ilustradora Ciça Fittipaldi. As premiações conquistadas com esse livro foram: finalista do prêmio Jabuti na categoria texto, vencedor do prêmio Jabuti na categoria melhor ilustração, recebeu o selo de altamente recomendável para crianças, pela FNLIJ e compõe o acervo da biblioteca infantil de Munique, White Ravens. Foi traduzido para o inglês, espanhol e alemão. (DEBUS et al, 2018 p. 45).

Em relação aos conteúdos paratextuais, a capa amarela segue a proposta do primeiro livro da coleção, com elementos que remetem ao continente africano. A ilustração de Ciça Fittipaldi presente no centro da capa anuncia o universo das fábulas a serem contadas no livro. Na primeira página do livro encontra-se o nome das três fábulas: “A Moça e a Serpente”, “A Vingança de Eraga” e “O Cassolo e as Abelhas”, acompanhados da ilustração de uma mulher negra que segura uma serpente nas mãos. O texto de apresentação escrito por Glória Pondé, que segue na segunda página é o mesmo em todos os livros da coleção, bem como o texto de apresentação da série, escrito por Helena Theodoro Lopes que fecha o livro.

Na primeira fábula, “A moça e a Serpente” Vovô Ussumane observam o alvoroço das mulheres da aldeia envolvidas com os preparativos do casamento da filha do ferreiro, enquanto espera as crianças sentarem-se para que ele possa começar a contar-lhes histórias. O velho griot decide então contar-lhes uma história sobre uma moça que decidiu não seguir as tradições da aldeia em relação ao casamento. Após a introdução que nos apresenta o contexto em que o tema

da história surgiu, a fonte das letras muda para iniciar o relato a ser pronunciado pelas palavras do griot.

A história começa contando que havia uma moça, que vivia a falar para as amigas que não aceitaria um noivo escolhido por seu pai e que ela iria casar-se com um homem escolhido por ela. Uma serpente escutando a conversa se transformou em um jovem bonito com a intenção de enganá-la. A moça ficando encantada pelo rapaz, foi apresentá-lo ao pai que não gostou da atitude desrespeitosa da filha, mas mesmo assim, cedeu ao desejo dela. A casa da serpente, onde a moça fora viver, era bagunçada e suja, limpá-la todos os dias era um sofrimento. A serpente tinha um cão, um gato e um galo que atuavam como vigias, impedindo que a moça fugisse ou que alguém se aproximasse. Contudo a moça tinha quatro irmãos, sendo eles: um adivinho, um caçador, um carpinteiro e um ladrão. Um dia o adivinho chamou uma reunião com os irmãos e o pai para contar-lhes sobre o sofrimento que a moça estava submetida, logo, o pai pediu para que pegassem a canoa e fossem ao resgate da irmã. Com ajuda do adivinho os irmãos encontraram o covil da serpente, o irmão ladrão roubou carne, peixe e milho para distrair os vigias. Enquanto os animais comiam, os irmãos pegaram a moça e a levaram até a canoa, no entanto, a serpente que já havia sentido a presença dos intrusos, tratou de destruir a canoa. O irmão carpinteiro construiu na hora outra canoa com os pedaços que haviam restado. Enquanto fugiam, a serpente começou a persegui-los e ao nadar agitava a água dificultando a fuga. O irmão caçador então entrou em cena para matar a serpente, mas não sabe onde atacá-la, uma vez que ao ficar enfurecida, a serpente fica com sete cabeças. Então o irmão adivinho ajuda o irmão caçador a saber qual é a cabeça que ele deve atacar. Ao ser atingida, a serpente afunda no rio e as águas voltam a ficar calmas. Assim, todos conseguem chegar bem em casa.

É possível nessa fábula, encontrar-se com as seguintes práticas culturais: a tradição em que o pai é o responsável pela escolha do noivo para sua filha e é dever do noivo presentear o sogro. Na introdução do contexto em que a história foi contada, é registrado a reprovação do Vovô Ussumane ao saber que na cidade grande, haviam moças que não mais respeitavam essa tradição. As ocupações dos irmãos também nos inserem em um universo cultural africano (SILVA, 2012). O misticismo do irmão adivinho, apresenta a percepção da relevância do sagrado, por exemplo, bem como as ocupações de caçador, carpinteiro, ladrão e objetos citados como a lança e a canoa, podem contribuir com o leitor, para a compreensão da composição da organização cultural da aldeia em que a história acontece.

Sobre a questão de gênero que aparece nessa fábula, o autor Silva (2012) apresenta que:

Em se tratando de contos populares, oriundos da tradição de diversos povos, ao recontá-los, Barbosa acaba por colocar, mesmo que não intencionalmente, questões relativas a gênero. A divisão entre masculino e feminino, em muitos povos africanos, é radical, rigorosa, autoritária e incontestável. Em muitos contos, vamos ver tarefas que são consideradas exclusivamente femininas, [...] (SILVA, 2012, p. 222)

O elemento cultural do preparo para o casamento, que pode nos saltar aos olhos como uma relação desigual entre os gêneros, em conjunto a todo o repertório construído na narrativa, é carregado da possibilidade de oferecer ao leitor o reconhecimento, a reflexão e o questionamento de tais relações desiguais. Compromissado com todos os aspectos que envolvem ser um escritor de recontos, e com a intenção de preservar e atualizar a cultura oriunda da tradição oral de forma íntegra, Barbosa não impõe seus valores. (SILVA, 2012).

A segunda fábula, “A Vingança de Eraga” inicia acompanhada da ilustração de um hipopótamo morto e um homem que segura um cajado em uma das mãos enquanto ergue a outra em uma postura que remete a uma saudação ou benção. Antes da contação realizada pelo velho griot Vovô Ussumane começar, somos apresentados ao contexto que gerou tal contação em que Malafi fica radiante de alegria por ter sido autorizado a ir com seu pai até a beira de um rio onde um hipopótamo havia sido abatido. As crianças expressam o desejo de ouvir uma história sobre hipopótamos. Naquela noite o velho griot começa a contar e é aqui que as letras do texto ganham outra formatação anunciando a narrativa griot.

A história contada pelo Vovô Ussumane fala de uma época em que os hipopótamos viviam somente na terra e dividiam o pasto com as vacas, no entanto, sendo eles grandes demais, acabavam por comer a maior parte do pasto. O dono das vacas era Ugubane, que era Deus da Terra e do Fogo, ele foi reclamar com o dono dos hipopótamos que era o Deus da Chuva, chamado Eraga. Contrariado e irritado com a arrogância com que Ugubane lhe dirigiu a palavra, Eraga fez com que nunca mais chovesse na propriedade de Ugubane que quase perdeu todas as suas vacas com a seca. Ugubane decide então suplicar humildemente a Eraga reconhecendo seu poder. Eraga, por sua vez, fez com que a chuva voltasse e decidiu que a partir daquele dia os hipopótamos vivessem na água indo até a terra em busca de alimento, somente durante a noite.

Nessa fábula, logo na introdução do contexto em que a história será contada, nos deparamos com a prática cultural da caça, que aparece em consonância a valorização do posto de caçador ao ganhar a cabeça do hipopótamo é reconhecido pelo importante trabalho para a aldeia. O trabalho feito pelos homens para abrir o hipopótamo e esse acontecimento ser considerado importante pelo motivo do bicho enorme servir como alimento durante muitos dias, também nos revelam sobre o universo cultural gerado a partir do conto. A relação entre os deuses pode comunicar e ensinar sobre valores e comportamentos importantes para a sociedade

como a humildade, a arrogância e relações interpessoais. O nome dos deuses também é um elemento importante no exercício de levar o leitor brasileiro até as terras africanas.

A terceira fábula desse livro, “O Cassolo e as Abelhas” é acompanhada da ilustração de uma mulher segurando duas crianças ao lado de um vaso e ao fundo pessoas com vasos em suas cabeças estendem os braços em direção à árvore. A introdução que contextualiza o cenário em que a história do velho griot irá chegar nos oferece elementos para acreditar que se trata de vasos para guardar mel. Conta-se que a criança havia passado o dia comendo mel encontrado em uma árvore e que só foi possível encontrar o mel a partir dos gritos do pássaro chamado Cassolo. Ao responder o questionamento do neto Malafi, que gostaria de saber o motivo pelo qual o pássaro faz tanto barulho ao encontrar uma colmeia, é que Vovô Ussumane inicia sua história.

Conta o velho griot que o Cassolo e a abelha eram grandes amigos. Um dia a filha da abelha adoeceu e seguindo os conselhos de um quimbanda que era um dos maiores curandeiros da região, a abelha foi pedir uma pena do Cassolo para preparar um remédio. O Cassolo atende ao pedido da abelha. Passado algum tempo é o filhote do Cassolo quem fica doente e a recomendação do curandeiro é para que se use uma asinha de abelha para fazer a medicação. Ao receber o pedido de ajuda do Cassolo, a abelha diz que não pode ficar sem uma de suas asas e pede para o pássaro ir procurar outra abelha. Não conseguindo encontrar ajuda em nenhuma colmeia, o Cassolo, por vingança passou a denunciar o local onde as abelhas guardam o mel.

A procura por um curandeiro é uma prática cultural que identificamos em conjunto com outros elementos como o próprio pássaro Cassolo, que compõem esse universo cultural proposto nesse reconto. A reciprocidade, retribuição de favores e a vingança se apresentam como sendo alguns dos sentimentos e valores intrínsecos a esse reconto.

No que diz respeito a estreita relação entre ser humano e natureza presente nas três fábulas desse livro, podemos recorrer ao que diz Silva (2012) em sua pesquisa:

Um aspecto importante para a cultura africana, em geral, e para os contos populares em especial, é a integração do homem com a natureza. Na maior parte dos povos e etnias africanas, a natureza está em pé de igualdade com o homem, assim como os animais estão em pé de igualdade com a natureza. Aliás, tanto a natureza como os animais são seres animados, dotados de fala, de ações racionais, demonstrando, inclusive, grande poder decisório. Os contos retratam tudo isso. As histórias quase sempre se passam ao ar livre, no espaço externo das aldeias ou nas proximidades de um rio, como em inúmeros livros de Barbosa. Essa natureza, personagem onipresente nos livros, pode ser vista em seu aspecto de integração, poder, de adoração, de sacralidade. (SILVA, 2012, p. 224)

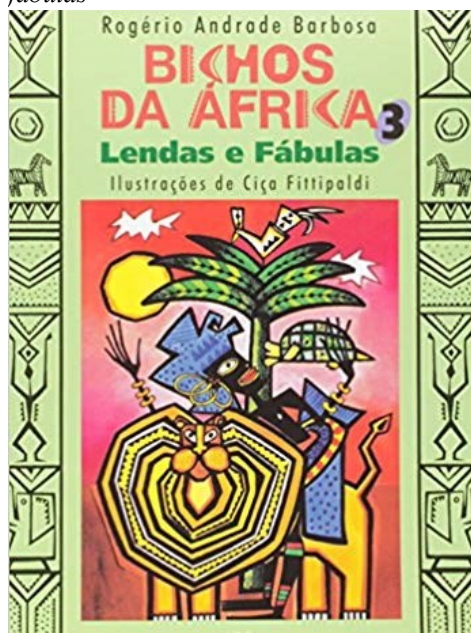
A figura do griot nesse título aparece como fundamental para a transmissão da cultura e dos valores da aldeia aos mais novos, ele é quem faz toda a mediação entre as crianças e as tradições. É interessante notar como o velho contador de histórias, consegue a partir do cotidiano e dos interesses das crianças, promover narrativas que sempre dialogam com os acontecimentos e experiências da aldeia.

As duas últimas fábulas podem ser compreendidas como contos etiológicos, já que acabam por atribuir explicações a realidade. Na segunda fábula, explicando o comportamento dos hipopótamos em ficar na água e na terra, e na terceira explicando sobre o raro e bonito fenômeno, originado no decorrer de milhares de anos da observação e relação do pássaro com os seres humanos, em que o pássaro Cassolo ajuda as pessoas em comunidades de diferentes países africanos a encontrar colmeias, se beneficiando ao comer a cera deixada pelos coletores após a retirada do mel. Há registros científicos que datam essa cooperação entre humanos e o pássaro desde o século XVI.

É possível dizer que esse livro ao recriar um imaginário que nos transporta para o continente africano, sentados em roda e dispostos a ouvir as sabedorias que carrega a experiência do griot, oferece-nos uma preciosa experiência que nos coloca diretamente em contato com informações culturais que dificilmente encontraremos em outro lugar.

Bichos da África 3: lendas e fábulas (2007)

Figura 3 - *Bichos da África 3: lendas e fábulas*



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

O livro *Bichos da África 3: lendas e fábulas* (2007) é o terceiro livro da Coleção *Bichos da África*. É composto estruturalmente por 16 páginas e apresenta duas fábulas acompanhadas pelas ilustrações da reconhecida Ciza Fittipaldi. Em relação as premiações que conquistadas, destacamos: prêmio Jabuti na categoria texto, vencedor do prêmio Jabuti na categoria melhor ilustração, recebeu o selo de altamente recomendável para crianças, pela FNLIJ e compõe o acervo da biblioteca infantil de Munique, White Ravens. Foi traduzido para o inglês, espanhol e alemão. (DEBUS et all, 2018 p. 46). Sobre os conteúdos paratextuais, a capa verde é adornada por elementos que remetem ao

continente africano. A ilustração no centro da capa apresenta personagens de uma das fábulas do livro. Na primeira página encontramos o nome dessas fábulas: “Porque os Cães Cheiram Uns aos Outros” e “O Julgamento de Tartaruga”, acompanhados pela ilustração de uma mulher negra que acaricia um cachorro. Após o texto de apresentação de Glória Pondé, inicia a primeira fábula.

A fábula “Porque os Cães Cheiram Uns aos Outros”, chega acompanhada de uma preciosa ilustração. É a imagem do griot Vovô Ussumane cercado por crianças na aldeia (Figura 4). Na introdução que antecede a história contada pelo ancião, dois cachorros passam correndo entre eles interrompendo a fala do Vovô Ussumane que lembrava sobre a existência de grandes reinos africanos, antes da chegada do homem branco ao seu litoral, e exaltava o imenso poder dos soberanos negros de outrora. Malafi pergunta o motivo pelo qual os cachorros cheiram uns aos outros, e assim a tradição da oralidade é mais uma vez vivida na aldeia.

Figura 4 - Ilustração do livro *Bichos da África 3: lendas e fábulas*, p. 3



Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

Conta-nos o Vovô Ussumane que no tempo em que os cães se governavam, havia dois grandes reinos chefiados por grandes cães. Ainda que fossem rivais um do outro e que vivessem a se gabar das riquezas que tinham, havia paz. Mas um dia um deles se apaixonou pela irmã do outro e foi pedir para casar-se com ela. O cão apaixonado foi humilhado e teve um não como resposta, então ao chegar em seu reino, reuniu a corte e decidiu declarar guerra ao irmão de sua amada. O mensageiro que iria levar a declaração de guerra até o outro reino foi cuidadosamente preparado com banhos e perfumes em sua cauda. No caminho o mensageiro achou que estava tão cheiroso e arrumado que decidiu abandonar sua missão e ir atrás de uma companheira para si. E essa é causa de os cachorros viverem cheirando uns aos outros: estão em busca do mensageiro perdido.

Nessa fábula a figura do griot além de aparecer na ilustração, aparece agindo com a intencionalidade de memorar a grandeza dos reinos africanos, demarcando histórica e politicamente um posicionamento valioso para a compreensão do leitor brasileira sobre o continente africano. A importância e valorização dos reinos aparecem na própria fábula ao

imprimir na narrativa, a ideia de grandeza ao reino dos cães. Desse modo, reencontramos com a afirmação da estreita relação entre o ser humano e a natureza.

Sobre os recontos de Barbosa, e sobre esse dos cães em especial, Silva (2012) traz a respeito do modo como os contos populares de diferentes países pelo mundo, muitas vezes apresentam similaridades notáveis:

Os recontos também estão repletos de pontes. São menções a outros tempos, outros lugares, outras histórias principalmente. Chamamos isso de intertextualidades. Há um diálogo permanente entre essas histórias que atravessaram o tempo. Há mesmo uma renovação permanente dessas histórias que culminam, inclusive com uma ressignificação. Nas culturas populares de cada país, as histórias se parecem, se assemelham, se repetem, com uma ou outra modificação. Quando Barbosa traz para o leitor brasileiro os contos de animais (há quem prefira chamá-los de fábulas), procura fazê-lo de modo a contar uma versão diferente daquela que está difundida no Brasil. São grandes os exemplos e assim ocorre com —Por que os cães se cheiram uns aos outros? (Bichos da África, volume 3) [...] (SILVA, 2012, p. 234)

A segunda fábula “O Julgamento da Tartaruga” inicia acompanhada de uma ilustração composta por muitas pessoas erguendo as mãos para o alto e uma criança montada em um cavalo. A introdução conta-nos sobre um tribunal da aldeia do qual Vovô Ussumane fazia parte ao lado de outros anciãos. Juntos eles julgam problemas e situações que ocorrem na aldeia como venda de gado, brigas entre marido e mulher, casos de feitiçaria, entre outros. Nesse trecho ressalta-se a importância do respeito aos mais velhos e do reconhecimento de suas sabedorias em relação a manutenção das tradições. As crianças esperavam sentadas em roda, pelo ancião griot que participava do conselho e ao chegar, ela já sabia qual história deveria contar.

A história de uma tartaruga velhinha que por conta da idade, tinha muita dificuldade para encontrar alimento. Então teve a ideia de pedir ajuda a um vizinho para cavar um buraco bem ao lado do lugar onde os animais faziam a feira. Assim que os animais chegaram na feira, a tartaruga já escondida no buraco falou com uma voz grossa que os caçadores estavam chegando e que todos deveriam fugir. Assim, todos os animais saíram correndo, deixando seus alimentos para trás. Quando todos haviam saído, a tartaruga coletava os alimentos para si. Depois de algum tempo, os animais inconformados com tantos prejuízos, decidiram pedir ajuda ao rei que era um leão. O leão ordenou então, que um macaco ficasse escondido as árvores para espiar quem estava causando todo o problema. O macaco descobre sobre a atuação da tartaruga e conta tudo ao rei, que por sua vez mandou prender e julgar a tartaruga. No dia marcado para o julgamento acontecer, a tartaruga apareceu com uma viola tocando uma belíssima canção. Os animais ficaram maravilhados com o talento dela. O leão pediu a tartaruga que lhe fizesse um instrumento tão belo como aquele que ela tocava. A tartaruga respondeu que para fazer tal

instrumento era preciso usar tripa de macaco. O leão ordena que o leopardo capture o macaco, que ao ouvir tudo consegue fugir. Como o macaco era a testemunha principal e acusação da tartaruga, o tribunal decide absolve-la e deixa-la livre.

Ao contar essa fábula partindo de sua experiência no conselho formado pelos anciãos da aldeia, a figura do griot reafirma para seus ouvintes as tradições de seu povo e movimentando reflexões sobre a vida em comunidade. A esperteza da tartaruga, os procedimentos que envolvem o julgamento e o tribunal, a valorização dos mais velhos, tudo isso ajudam a compor o universo cultural desenhado pela fábula.

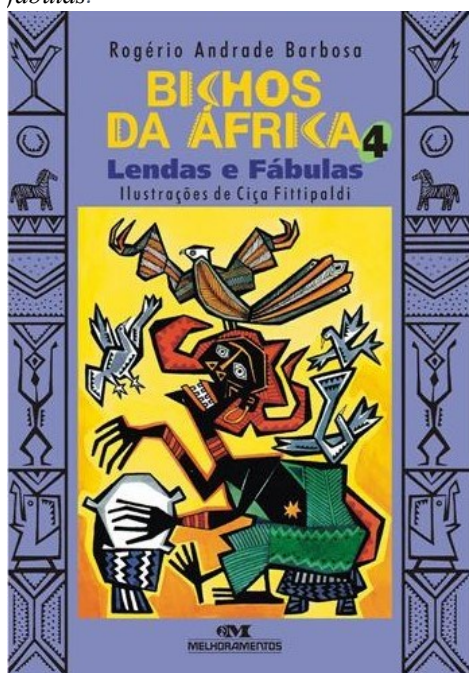
Nas duas fábulas narradas pelo griot Vovô Ussumane, os animais aparecem organizados a partir da mesma lógica dos seres humanos em suas ações tradicionais e históricas como reinos e conselhos. Sobre tal composição, Silva (2012) nos mostra que:

É quase sempre por meio da comparação do homem com a natureza que as imagens poéticas se dão na obra de Barbosa. Em se tratando de África, nada mais pertinente. A natureza sai valorizada, homenageada, e ainda empresta aos que se relacionam com ela uma força portentosa e de algum modo sagrada [...] (SILVA, 2010, p. 233)

Esse é mais um livro que nos presenteia com a atuação de um sábio griot em terras africanas. Avancemos agora para o último livro da coleção.

Bichos da África 4: lendas e fábulas (2007)

Figura 5- *Bichos da África 4: lendas e fábulas*.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

O livro *Bichos da África 4: lendas e fábulas* (2007) é o último livro da coleção publicada por Barbosa. Estruturalmente é organizado em 16 páginas e composto por três fábulas, também acompanhadas pelas ilustrações da reconhecida Ciça Fittipaldi. No que diz respeito as premiações conquistadas, apresentamos as seguintes: prêmio Jabuti na categoria texto, vencedor do prêmio Jabuti na categoria melhor ilustração, recebeu o selo de altamente recomendável para crianças, pela FNLIJ e compõe o acervo da biblioteca infantil de Munique, White Ravens. Foi traduzido para o inglês, espanhol e alemão. (DEBUS et al, 2018 p. 49).

Os elementos paratextuais que compõem a capa roxa seguem a proposta dos demais livros da coleção, com figuras que remetem ao continente africano. Uma mulher com vestes e acessórios que remetem a algumas tradições de povos africanos, sentada em um banco, toca tambor ao lado de alguns animais. Na primeira página encontra-se o nome das três fábulas do livro: “O Jabuti e o Chacal”, “A Águia e o Gavião” e “O gato e o Rato”, junto da ilustração de uma mulher acariciando um chacal. Após o texto de apresentação escrito por Glória Pondé, encontramos a primeira fábula.

A fábula “O Jabuti e o Chacal” começa ao lado da ilustração que nos anuncia o conteúdo da introdução contextualiza a contação da história. Dois guerreiros no meio de uma roda de pessoas que assistem a luta e tocam instrumentos. E na aldeia de Malafi, conta-nos Barbosa, estava acontecendo um torneio entre os melhores lutadores das aldeias vizinhas. Uma dança em que os jovens lutadores exibem seus músculos com corpo coberto de líquidos misteriosos e amuletos protetores, antecede a luta que começa com os dois participantes de joelhos. Ao iniciar a luta eles se levantam tentando derrubar o adversário. Naquele dia um lutador conhecido como “Coração de Leão” foi o vencedor. As crianças que não podiam participar desse momento, estavam esperando o Vovô Ussumane para contar-lhes histórias.

O velho griot começa então a contar a história de um desafio entre os animais, conta-nos que a filha de um rei era muito bonita e tinha muitos pretendentes. O pai havia decidido que só aceitaria um noivo que suportasse os mais difíceis desafios. Após muitas disputas, o Jabuti e o Chacal foram os finalistas e o rei já não sabia mais qual desafio propor. O jabuti então, sugere que testem qual deles é o mais corajoso vendo quem consegue comer a papa de milho mais quente. No dia seguinte todos da aldeia estavam preparados para assistir ao desafio. Ao perguntar quem seria o primeiro, o Jabuti se candidatou, pegando a tigela de mingau fumegante o Jabuti dirigiu-se ao público que o assistia e disse que passaria a tigela por cada um para que ninguém duvidasse do feito que iria realizar. Passando lentamente a tigela por todos, quando terminou o mingau estava morno e ele então pode comer e foi aplaudido. Ao chegar a vez do chacal, ele estava tão nervoso que deixou a tigela cair no chão queimando suas patas, com dor acabou fugindo. E foi assim que o jabuti se casou com a filha do rei.

Nessa fábula a figura do griot aparece mediando uma tradição da cultura, que são os festejos e lutas, para as crianças da aldeia que nesse caso não poderiam participar dos rituais, mas que por meio da história narrada pelo ancião entram em contato com aspectos da cultura de seu povoado e dos povoados vizinhos.

A segunda fábula “A Águia e o Gavião” inicia ao lado de uma ilustração que dialoga com o conteúdo da introdução ao contexto em que aconteceu a narrativa do griot. Duas crianças sentadas seguram um passarinho e ao fundo pasta um gado. E foi nessas circunstâncias que dois meninos brincando com arapucas para passarinho, ficaram entretidos e não viram o momento em que duas vacas comeram ervas venenosas. A morte desses bichos foi causa de muita tristeza uma vez que o gado é a principal riqueza dos povos do lugar. Vovô Ussumane diante da situação decide contar a história do gavião que também perdeu suas vacas.

Ao anoitecer o griot nos conta que há muito tempo uma águia dona de muito bois deixou seus animais aos cuidados de seu sobrinho um gavião. O jovem gavião, descuidado que era, deixou o gado sozinho e foi visitar um amigo, ao voltar percebeu que todo o gado havia sumido. O dono do gado, a águia ficou muito bravo e junto do sobrinho saiu voando a procura de seus animais. Perguntaram então para o sol se ele sabia dos bois e o sol respondeu que a culpada pelo sumiço dos bichos era a lua. Os dois pássaros voaram até a casa da dona do luar exigindo seus animais de volta. A lua respondeu que já havia comido metade do gado e a outra metade entregou para as estrelas, e não tendo mais boi para devolver, entregou-lhes moedas de ouro para que comprassem mais gado. Satisfeitos com as moedas, os dois saíram voando e quem carregou o dinheiro foi o jovem gavião que acabou perdendo tudo no caminho. As duas aves tiveram que sair voando novamente a procura das moedas, mas não encontraram. A águia decidiu declarar guerra a todas as aves até o dinheiro aparecer. E é esse o motivo das aves ciscarem o chão com suas unhas e os galos cantarem ao amanhecer. Estão todos procurando e perguntando pelas moedas de ouro perdidas.

Ao final da fábula o neto Malafi questiona o avô apontando a injustiça de todas as aves terem que pagar pelo erro de uma. Ao que o Vovô Ussumane responde dizendo que o mundo era cheio de injustiças como aquela que acabaram de ouvir. O griot nessa fábula consegue mais uma vez a partir de problemas do cotidiano, contar histórias que ajudam os pequenos a refletir sobre o ocorrido, reforçando valores importantes para o povoado como o cuidado e responsabilidade com seus deveres para que um erro individual não acabe por afetar todo o coletivo. A sabedoria e importância do griot para a aldeia é afirmada na introdução dessa fábula quando Barbosa nos conta que o ancião estava sempre a par de todos os acontecimentos do povoado.

A terceira fábula “O Gato e o Rato” é acompanhada pela ilustração que representa a situação explorada na introdução que contextualiza a narrativa do Vovô Ussumane. Uma família dentro de uma casa, chamada no texto de palhoça, a proximidade de seus corpos remete

a uma postura de proteção de um para com o outro. E naquela noite anunciada na ilustração houve uma grande tempestade e no dia seguinte havia muito trabalho a ser feito para recuperar a aldeia dos estragos causados por ela. As crianças reunidas na palhoça do Vovô Ussumane se protegiam de uma chuva fininha que começou a cair enquanto ouviam suas histórias.

Mudando a página e a fonte das letras nos encontramos com a voz do sábio griot que nos leva ao tempo em que os gatos e os ratos ainda eram amigos. Um dia aconteceu uma grande enchente que inundou os campos e as florestas. O gato e o rato foram pegos de surpresa e acabaram ficando ilhados sem saber como poderiam voltar para suas casas. O rato sugeriu que construíssem uma jangada com os talos de mandioca que eles estavam colhendo. Com a jangada na água, os dois começaram a remar devagarinho. O rato com fome resolve comer um pedacinho da jangada e o gato lhe disse para não o fazer. Quando o gato dormiu, o rato aproveitou e voltou a comer a jangada, fazendo um buraco no meio dela que os fez afundar. Por sorte a margem de terra estava próxima e eles conseguiram nadar até lá. O gato ameaça comer o rato que pede para que o gato espere ele se lavar primeiro. Enquanto o gato esperava o rato aproveitou para fugir. Após um longo tempo o gato percebeu que foi enganado. E essa briga é o motivo pelo qual o gato e o rato são inimigos até hoje.

Nessa fábula a figura do griot encanta as crianças com sua narrativa ao acolhê-las no dia seguinte ao temporal. Assim como nas demais fábulas, podemos dizer que o texto cria uma imagem poética sobre o continente africano:

É própria do conto popular uma certa simplicidade no narrar, com uma linguagem quase sempre cotidiana, sem muitas construções poéticas, que talvez afastem o texto da sua vocação primeira, que é atingir o maior número de pessoas possíveis. No caso dos recontos de Barbosa, os textos são bastante enxutos, tendem para a síntese, mas, vez ou outra, sobressai uma passagem mais poética, em que as expressões simbólicas armazenam uma enorme potência para a construção de belas imagens. Uma das formas corriqueiras de introduzir um conto popular tradicional é distanciá-lo do presente, empurrando-o para um tempo distante. (SILVA, 2012, p. 232)

A fábula etiológica do gato e do rato nos transporta para esse tempo distante ao passo em que constróis belas imagens poéticas de um velho griot cumprindo seu papel em sua aldeia ao acolher e ensinar os mais novos por meio de práticas narrativas que mentem viva a tradição oral.

3.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS: POR UMA ESCOLA PLURAL.

Na escola também ecoa o mito da democracia racial, o que dificulta o reconhecimento do racismo nas relações vivenciadas nesse espaço. Diante dos processos históricos que geraram a desigualdade social e econômica entre brancos e negros em nosso país é que se localiza o

compromisso da escola em efetivar práticas, que ofereçam as crianças e a toda comunidade escolar, a oportunidade de reconhecer, refletir e transformar seus referenciais e ideários constituídos a partir de uma sociedade racista.

Cada vez mais se evidencia a importância de a formação de professores abordar a temática das relações étnico-raciais, uma vez que, para muitos profissionais da educação, o racismo não existe nas relações entre as crianças como aponta a pesquisa da autora Cavalleiro (2005) em que, ao entrevistar professores da rede pública de São Paulo, constatou em suas falas a ideia do racismo como sendo algo pertencente apenas ao mundo dos adultos ou que falas preconceituosas, somente aconteciam com as crianças em situações de conflito e que poderiam ser resolvidas com conversas pontuais. Outra compreensão presente na fala dos professores entrevistados é a de que as expressões ou comportamentos preconceituosos seriam gerados e presenciados na família ou fora da escola, secundarizando, portanto, a responsabilidade e papel da escola na afirmação e reprodução de relações preconceituosas. Sobre essa situação Munanga (2005) contribui ao observar que:

No entanto, alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional. Na maioria dos casos, praticam a política de avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana. (MUNANGA, 2005, p. 15)

Historicamente a escola se constituiu fundada em um currículo eurocêntrico que apagou a grandeza e importância do continente africano, ao passo em que reconta a história europeia com grande destaque. É esse currículo que reforça estereótipos e contribui para que muitas crianças negras neguem suas identidades. A questão da construção e afirmação da identidade negra é um dos aspectos mais importantes que devem ser trabalhados em sala de aula. Santos (2001) reflete que:

A escola – pública ou privada – ainda hoje não inclui adequadamente em seus currículos a luta e a história do povo negro no Brasil. Essa escola, por não saber particularizar os aspectos que envolvem a identidade das crianças negras, acaba por colaborar na construção de um ideal de ego branco por parte destas. Na medida em que a criança assume uma identidade dissociada de sua especificidade, o futuro cidadão gerado por esse equívoco estará fora de sintonia com a sua realidade. Esse

fato, deverá provocar um prejuízo para essa pessoa no que diz respeito à construção de sua auto-estima, que poderá ficar rebaixada por isso; trazendo como consequência um pesado ônus de ordem psicológica. (SANTOS, 2001, p. 17)

É muito frequente encontrar crianças negras que não se declaram como tal e buscam outras definições para sua cor e para sua identidade. Essa situação também é registrada nas pesquisas de censo realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE) em que muitas pessoas se declaram pardas. Podemos compreender a declaração em que alguém se reconhece como pardo, como uma tentativa de afastar-se da negritude. Segundo o que argumenta a autora Gomes (2005) diante da comparação dos dados socioeconômicos entre pretos e pardos, considera-se que essas pessoas constituem o mesmo grupo social enfrentando as mesmas dificuldades, inclusive o racismo.

Partindo do esforço primeiro, de reconhecer o racismo enraizado em nós e em nossa sociedade, como elemento presente na escola, e diante do contexto anteriormente explorado é que as práticas pedagógicas antirracistas nos aparecem como uma pauta imprescindível e inadiável.

Moura (2005) em seu artigo “O direito a diferença” publicado no livro *Superando o racismo na escola*, nos oferece uma importante exemplificação de prática pedagógica antirracista vivenciada no cotidiano de uma comunidade quilombola. Considerando que desenvolver práticas pedagógicas que propiciem a valorização das múltiplas identidades que constituem o povo brasileiro, é ainda um grande desafio para a educação formal, a experiência dos quilombos contemporâneos pode nos mostrar quais os caminhos que podemos percorrer na superação de tal desafio. Moura (2005) lança foco nas festas realizadas na comunidade rural negra que ao realizar tradicionais celebrações perpetuam e demarcam a defesa de seus valores, crenças, costumes e identidade. A presença das crianças no decorrer de todos os preparativos para os festejos e na execução de todas as etapas que constituem as celebrações, aproxima o olhar dessas crianças promovendo o reconhecimento de sua identidade e o sentimento de pertencimento a aquela cultura, a aquele povo e a aquela cor:

Nas festas, os valores que a comunidade reputa essenciais e que condensam esse saber são constantemente reafirmados e renegociados, constituindo, assim, um *currículo invisível* por meio do qual são transmitidas as normas do convívio comunitário. Sem uma intenção explícita, esse *currículo invisível* vai sendo desenvolvido, dando às crianças o necessário conhecimento de suas origens e do valor de seus antepassados, mostrando quem é quem no presente e apontando para as perspectivas futuras. (MOURA, 2005, p. 70)

Ao compreender esse “currículo invisível” presente na organização e na vivência dessas tradições a autora localiza o sentido didático dessas experiências, reconhecendo nessas situações, não somente relações de ensino e aprendizagem como também de construção e fortalecimento de identidade. Moura (2005) segue convidando a pensar a utilidade desses saberes na educação formal, para tanto, explana que nas comunidades quilombolas essas práticas acontecem de modo natural e informal ao passo em que na escola muitas vezes o conhecimento não estabelece nenhuma relação com a vida do aluno. As práticas pedagógicas antirracistas da educação formal, capazes de oferecer aos alunos a possibilidade de afirmação e reconhecimento de suas identidades, teriam que dialogar com o contexto cultural e social que os alunos estão inseridos:

Esta educação, profundamente vinculada às matrizes culturais diversificadas que fazem parte da formação da nossa identidade nacional, deve permitir aos alunos respeitar os valores positivos que emergem do confronto dessas diferenças, possibilitando-lhes ao mesmo tempo desativar a carga negativa e eivada de preconceitos que marca a visão discriminatória de grupos sociais, com base em sua origem étnica, suas crenças religiosas ou suas práticas culturais. Só assim a escola poderá, levando em consideração as diferenças étnicas de seus alunos, reconhecer de forma integral os valores culturais que carregam consigo para integrá-los à sua educação formal. (MOURA, 2005, p. 76)

Cabe ao professor, portanto, buscar primeiramente aproximar-se e apropriar-se do contexto vivido pela comunidade escolar para poder valorizá-lo ou tomá-lo como ponto de partida. Levar para a escola referências das tradições dos povos negros brasileiros e africanos, oferecendo lugar de destaque e reconhecendo sua beleza e importância social devem ser inerentes às práticas pedagógicas antirracistas.

É importante lembrar que não cabe ao professor e muito menos a um professor branco dizer aos alunos qual a sua cor e pertencimento, ora, como eu professora branca diante do reconhecimento de meus privilégios, poderei dizer a uma criança negra, que nega sua identidade, que ela é negra sim? Qual seria o efeito dessa minha afirmação? Acredito que pouco contribuiria para que tal criança se sinta pertencente a uma identidade negra ou a sentir orgulho de ser quem é. A atuação pedagógica deve ir muito além e nesse sentido cabe ao professor ampliar seu repertório cultural para levar até as crianças a história dos povos negros que foi tão apagada durante séculos de constituição histórica eurocêntrica e racista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A POTENCIALIDADE DOS LIVROS DE BARBOSA PARA REALIZAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS.

Diante dos objetivos desse trabalho de identificar, analisar e valorizar a figura do griot nos livros de Rogério Andrade Barbosa, ao passo em que reconhecemos a urgente necessidade de pensar em práticas pedagógicas antirracistas, buscamos referenciais históricos, políticos e teóricos que pudessem contribuir em nossa análise. Com isso, reconhecemos a Lei nº 10.369/03 como resultado da luta antirracista em nosso país e também como um compromisso dos professores brasileiros para com seus alunos e com a educação. Educação essa, que tenha a intencionalidade de destruir as relações desiguais e o preconceito em direção a construção da tão sonhada e desejada sociedade justa que acreditamos ser possível.

Desvelar os desafios de admitir que a democracia racial brasileira sempre foi uma falácia edificada ao longo da história, nos atenta para o dever de reconhecer os estragos e sofrimentos causados por tal ideário, na vida da população negra brasileira. É imprescindível destacar que a luta que denuncia o racismo impregnado em nossa história e em nosso país, precisa ser fortalecida cotidianamente, principalmente nos espaços da escola.

Ao reconhecer a literatura como sendo fundamental na escola e estando ela sempre presente no desenvolvimento dos conteúdos curriculares, nas mais diversas áreas do conhecimento, em diferentes níveis de ensino, precisamos ao realizar o planejamento de nosso trabalho docente, considerar a literatura afro-brasileira para a infância, como uma poderosa ferramenta. Mais do que um recurso pedagógico, atualmente, perante a produção de literatura com a temática africana e as relações étnico-raciais, sendo publicada com conteúdo cada vez mais ricos e belos, os livros podem se apresentar em sala de aula, quase como uma declaração poética, como expressão de arte. Essa arte que amplia olhares, sentimentos, referenciais, conhecimentos, que nos convida a viajar para países do continente africano, é que carregam o poderoso poder de fazer crescer nossas raízes, isto é, caminhar na direção da construção de uma identidade nacional que ofereça ao povo negro seu justo lugar na história, nas escolas, nas universidades, na arte e em tantos outros espaços de nossa sociedade.

Nesta pesquisa também trabalhamos no sentido de reconhecer a possibilidade de tecer ligações entre a literatura e a tradição oral, a cultura popular. Celebramos a potencialidade do texto literário de nos oferecer elementos para nossa imaginação viajar ao encontro de ancestralidades e tradições culturais, muitas vezes, esquecidas ou silenciadas. A oralidade e o registro delas, na forma de recontos africanos é o material de destaque nessa pesquisa que não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de reflexões e ações antirracistas a partir dos livros

escolhidos, mas que, no entanto, se apresenta como um importante esforço acadêmico comprometido com o enaltecimento da tradição oral africana e seu representante: os griots. Contar histórias e ouvi-las é atividade humana envolta de tantas possibilidades e conteúdos que em nosso encontro com esses artesãos da palavra, figuras tão importantes para tantos diferentes povos africanos, nos encontramos também com um universo de significados a aprender e até mesmo ressignificar os que já dominamos. Ao prestigiar as narrativas griot, as tradições orais e a cultura popular, é possível atribuir sentidos muito mais profundos, complexos, históricos e até mesmo políticos em nosso ato de contar histórias em sala de aula. Dessa forma, os livros de Barbosa podem ser um caminho para aproximar aqueles que o leem, o contam ou o estudam, para um encontro ancestral com os sábios anciãos que tanto tem a ensinar. Concordamos então com Silva (2012) ao apontar que:

Temos sido inclinados a considerar a obra de Barbosa em dois sentidos. Primeiramente, como um fator de enriquecimento da cultura negra no Brasil. Em segundo lugar, como um depositário da resistência. Partindo da necessidade de ampliação da memória do povo africano, o autor vai buscar contos que mostrem aspectos da cultura africana ainda desconhecidos no Brasil. Com isso, fornece material para ampliação da visão da herança, para ampliação das identidades, para consolidação da resistência. (SILVA, 2012, p. 254)

Compreendemos, portanto, que todo o conjunto da Coleção Bichos da África, analisada nessa pesquisa, é um presente não somente para o público infantil e juvenil a quem se destina, mas também a toda sociedade brasileira: “O compartilhar, o imaginar, o sentir, o ser tocado e o viver fazem parte do projeto do autor como contador de histórias africanas para o leitor brasileiro.[...]” (SILVA, 2012, p. 237).

A figura do griot nos títulos de Barbosa analisados nesta pesquisa, ganham um lugar especial em todo seu texto literário. Ao pensar no planejamento de práticas pedagógicas antirracistas, essa coleção constituiu um caminho para ampliar o repertório cultural primeiramente dos professores, e secundamente dos alunos sobre o continente africano.

É possível fazer desses quatro livros um portal para que a oralidade entre brilhando em sala de aula, encantando as crianças que a escutam e também a pronunciam. Aqui fomentamos a bonita possibilidade de oferecer as crianças espaço para serem jovens griots contando suas histórias, ou quem sabe ouvir o que tem a contar seus familiares, os demais profissionais da escola, vizinhos e tantas outras vozes que compõem a comunidade escolar. Defendemos um trabalho que valorize a oralidade, o contar histórias, a sabedoria dos mais velhos, e sobretudo garanta destaque aos povos africanos e sua cultura de manter o passado vivo na oralidade para poder compreender e pensar o presente.

A estética dos livros grandemente enriquecida pelas ilustrações de Ciça Fitipaldi é também um recurso que atrelado ao texto, nos ajuda a entrar no universo proposto nos recontos de Barbosa. Selecionar algumas dessas ilustrações para trabalhar conteúdos relacionados a arte pode ser uma excelente opção, podemos escolher algumas delas para expor pelos ambientes da escola e da sala de aula, compreendendo a necessidade de intencionalmente transformar o espaço em um educador que esteja alinhado com os nossos objetivos pedagógicos.

Ao levar Barbosa com sua Coleção Bichos da África para sala de aula, munidos da intencionalidade de fazer desta ação uma prática pedagógica antirracista, estamos apostando em outro referencial literário que não aqueles pautados a partir de perspectivas eurocêntricas e embranquecedoras.

Cabe ressaltar que este trabalho foi desenvolvido em uma conjuntura política em que muitos dos direitos conquistados ao longo da história, a educação pública e a profissão de professor estão sofrendo ataques e se encontram em constante ameaça. Nesse sentido localizamos essa pesquisa como parte do campo da resistência política.

Para concluir entoamos uma preciosa passagem da pesquisa de Silva (2012) em que o autor anuncia as palavras “*Sin si kaba e storia*”, uma frase dita na Guiné Bissau que significa: assim acaba essa história. Tal expressão é usada para finalizar um conto popular, mas: “[...] aqui servirá para desejarmos o contrário: que essas histórias, findas no livro, não terminem quando se vira a página! Assim não se acaba essa história!” (SILVA, 2012, p. 241).

Sendo assim, desejamos que esta pesquisa contribua para a valorização e divulgação da figura do griot, bem como incite reflexões sobre as potencialidades dos livros aqui analisados. Que o trabalho docente possa sentir-se inspirado a criar propostas e ações antirracistas a partir da leitura e compartilhamento dos livros de Barbosa.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Rogério Andrade. 30 anos de Literatura. Disponível em: <<https://www.rogerioandradebarbosa.com.br/>> Acesso em: 20 jun. 2019.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Histórias africanas para contar e recontar*. Il. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.
- _____. *Bichos da África: lendas e fábulas*. Il. Ciça Fittipaldi. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.
- _____. *Bichos da África 2: lendas e fábulas*. Il. Ciça Fitipaldi. 2ed. São Paulo: Melhoramentos, 2006.
- _____. *Bichos da África 3: lendas e fábulas*. Il. Ciça Fitipaldi. 2ed. São Paulo: Melhoramentos, 2007.
- _____. *Bichos da África 4: lendas e fábulas*. Il. Ciça Fitipaldi. 2ed. São Paulo: Melhoramentos, 2007.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secad. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. 2004.
- BRASIL. *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: Secad/Ministério da Educação, 2006.
- DIAS, Lucimar Rosa. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. **Revista Brasileira de Educação**, [s. L.], v. 17, n. 51, p. 661-674, set-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/10.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2019.
- DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura pra jovens e crianças*. São Paulo: Cortez, 2017.
- DEBUS, Eliane; BERNARDES, Tatiana V.M.; SILVEIRA, Rosileke K. da; PEREIRA, Arlete, de C. (Orgs.). *A produção literária de Rogério Andrade Barbosa: da temática africana e afro-brasileira a outros temas*. Tubarão: Copiart, 2018.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na Infância In: *Pro-Posições*, V. 22, N. 2, p. 75-92, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072011000200007&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 05/09/2019
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. no 2001, n. 61, p. 147-162, 2001.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Denise Maria Soares. Práticas antirracistas em sala de aula: caminhos para a escola cidadã. In: *Educere*, V. 16, N. 55, p. 257 – 266, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/356/35626140004/>> Acesso em: 9 jun. 2019.

LIMA E SOUZA, Mônica. História da África. In: *Educação das relações étnico-raciais no Brasil: trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula*. milcar Araujo Pereira (Org.). Brasília: Fundação Vale, 2014. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002321/232103por.pdf>> acesso em: 4 jun. 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.

MILENA, Lilian. Kabengele Munanga, o antropólogo que desmistificou a democracia racial no Brasil. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FDireitos-Humanos%2FKabengele-Munanga-o-antropologo-que-desmistificou-a-democracia-racial-no-Brasil%2F5%2F44091&fbclid=IwAR3YDKejlwr-dyhcSNE-2SzYTWQGZaFcBzWpTTxcn3Eb9Nelo4RhZz4SPN4>>. Acesso em: 30/11/2019

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. In: OLIVEIRA, Iolanda de, GONÇALVES, Maria das Graças; MULLER, Tânia Mara P. (Orgs.). *Especial Curso ERER - Educação para as Relações Étnico-raciais*. Caderno PENESB, Niterói, n. 12. Alternativa/EDUFF, RJ: 2010.

OLIVEIRA, Maria Onória de Jesus. Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000 – 2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa 2010.

PAULA, Benjamin Xavier de. *A educação para as relações étnico-raciais e o estudo de história e cultura da África e afro-brasileira: formação, saberes e práticas educativas*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

PINHEIRO, Cristiano Guedes. *Narrativas de educação e resistência: a prática popular griô*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013.

ROSEMBERG, Fúlvia. Criança Pequena e Desigualdade Social no Brasil. In: FREITAS, M.C. (Org.). *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude*. São Paulo, Cortez, 2006. Disponível em: <<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/CRIAN%C3%87A%20PEQUENA%20E%2>

0DESIGUALDADE%20SOCIAL%20NO%20BRASIL%20-%20F%C3%BAlvia%20Rosemberg.pdf> acesso em: 3 jun. 2019.

SILVA, Celso Sisto. *Bô sukuta! Kada kin ku su manera: as junbai tradicionais africanas recriadas na literatura infanto-juvenil brasileira, eué!* Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

SOUZA, Jessé. Democracia racial e multiculturalismo: a ambivalente singularidade cultural brasileira. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, n. 38, dezembro de 2000, pp. 135-155.

SANTOS, Hélio. Discriminação racial no Brasil. In: SABÓIA, Gilberto Vergne; GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (Orgs.). *Anais de seminários regionais preparatórios para a conferência mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata*. Brasília: Ministério da Justiça, 2001.